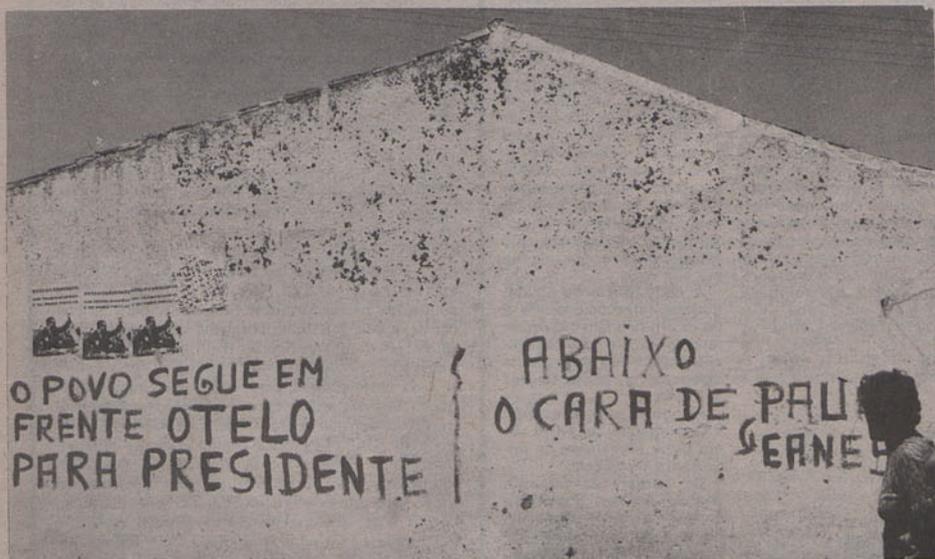


Poder Popular

Director: Eduardo Ferro Rodrigues

Órgão do Movimento de Esquerda Socialista

Ano I N.º 44 8/14 de Junho de 1976 Preço 4\$00



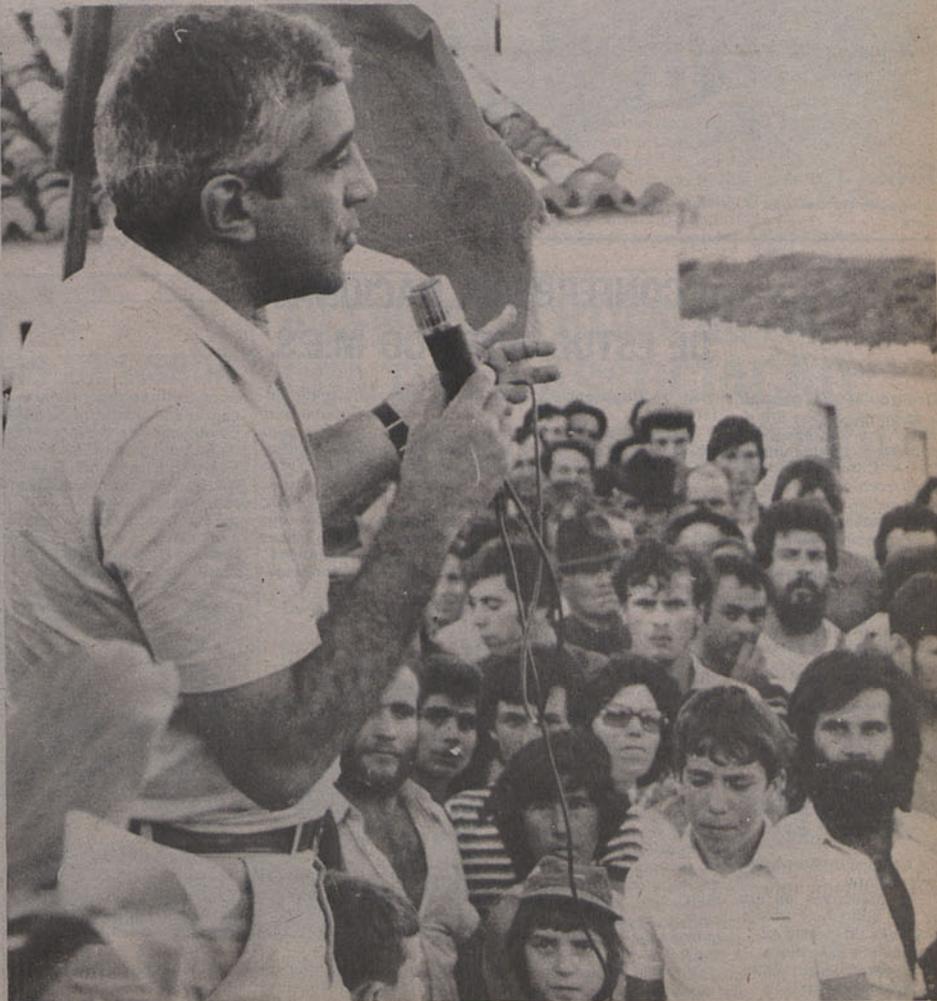
**O POVO É QUEM MAIS ORDENA
POR ISSO A CANDIDATURA
DE OTELO É IMPARÁVEL
— PORQUE CORRESPONDE
À LUTA
DAS MASSAS TRABALHADORAS**



Face ao ascenso do movimento popular de massas em torno da candidatura de Oteló, são reduzidas a pó as táticas dos «grandes» partidos burgueses, social-democratas, e reformistas assim como são ultrapassadas as táticas partidárias dos partidos minoritários. Face à **onde enorme da movimentação popular só resistirá a tática que sempre apontou consequentemente o caminho da unidade.**

Hoje, mais uma vez, só a compreensão exacta da necessidade histórica, para o triunfo do socialismo, da **unidade entre os revolucionários e o povo, pode ser garantia do prosseguimento da luta, da resistência no caminho da vitória.**

Unidade popular para o Socialismo!



DELEGAÇÃO DO C.C. DO M.E.S. VISITOU CUBA A CONVITE DO P.C. LOCAL

Regressou a Lisboa uma delegação do Comité Central do M.E.S. constituída por Eduardo Graça, Francisco Farrica e Vítor Wengorovius, depois de ter visitado Cuba durante uma semana a convite do Partido Comunista de Cuba.

A delegação do C.C. do M.E.S. foi fraternalmente recebida por membros do C.C. do P.C.C. e teve oportunidade de tomar contacto com a realidade da Revolução Cubana e com o seu povo em várias províncias da República de Cuba.

Trocaram-se pontos de vista acerca da situação política internacional e da posição de ambos os Partidos sobre a ofensiva imperialista e da luta dos povos da Europa, África, América e Ásia para a combater, tomando como base essencial a prática do internacionalismo proletário.

Estabeleceu-se uma ampla base de pontos de vista comuns que reforçam os laços de amizade entre os povos português e cubano assim como as relações entre o P.C.C. e o M.E.S.

Lisboa, 4 de Junho de 1976



A delegação no decurso da visita à província de Camaguey, área decisiva na Reforma Agrária

A vitória da revolução cubana significou profunda alteração no equilíbrio de forças internacionais e no avanço da luta anti-imperialista.

Apesar de sabotada, cercada e bloqueada pelo imperialismo, Cuba conseguiu resistir contando sobretudo com os seguintes factores: a forma hábil, militante mas não sectária, como foi possível chegar à unidade dos movimentos fundamentais da luta revolucionária e anti-imperialista (vindo a formar-se o actual Partido Comunista Cubano só algum tempo depois da vitória da revolução), a grande capacidade de Fidel em compreender o povo e o sentido da revolução em Cuba, um correcto trabalho partidário

sempre baseado num estreito contacto com as massas que efectivamente debatem todos os problemas políticos e, assim, a grande e natural coesão da classe operária (fabril e agrícola) e do povo tanto na defesa contra o imperialismo como no arranque económico e social do país.

Estão neste momento a organizar-se em definitivo as assembleias do poder popular, a nível municipal e nacional, estando previsto o funcionamento da Assembleia Nacional ainda este ano, após as respectivas eleições (feitas nas assembleias municipais que estão agora a ser eleitas por sua vez).

A consciência da solidariedade internacionalista e do internacionalismo proletário, prático e não de palavras, está extremamente alargada e os exemplos são claros.

Por tudo isso, a estadia da delegação do M. E. S. em Cuba reveste-se de importante significado.

Os camaradas Eduardo Graça, Manuel Francisco Farrica e Vítor Wengorovius tiveram reuniões com membros do C. C. do P. C. C., com elementos responsáveis do Partido para as relações exteriores, e ainda contactos com elementos responsáveis do Partido na província de Camaguey. Por outro lado puderam visitar importantes planos de reforma agrária, habitacional, educacional e industrial. De tudo isto se dará notícia mais aprofundada no próximo número do nosso jornal.

SAUDAÇÃO AO P.C. DE CUBA

No momento em que uma delegação do Movimento de Esquerda Socialista inicia uma visita a Cuba a convite do vosso Partido, o Comité Central do MES sauda fraternalmente os revolucionários e todo o povo cubano, cuja luta contra o imperialismo foi e continua a ser um exemplo para todos aqueles que, em diferentes partes do mundo, lutam pela libertação dos explorados e oprimidos.

Nós sabemos que as sucessivas vitórias alcançadas só foram possíveis porque a Revolução Cubana soube dotar-se de um verdadeiro Partido dirigente, forjado na própria luta e não imposto artificialmente, e porque esse Partido sempre foi capaz de acreditar na força organizada do Povo e na inspiração criadora das massas.

Com efeito, a revolução cubana, nascida no próprio coração do imperialismo, conseguiu vencer todos os inimigos, internos e externos, e afirmar-se como vanguarda revolucionária a nível mundial, capaz de assumir as pesadas responsabilidades de um internacionalismo militante.

Como Partido que sempre apoiou o MPLA nas horas boas e más, ao longo das duras e heróicas guerras de libertação nacional, o MES está em condições particularmente favoráveis para enaltecer a ajuda fraterna, corajosa e desinteressada que o povo cubano deu ao povo irmão de Angola num momento decisivo da sua luta.

É nesta mesma perspectiva internacionalista que o nosso Partido encara as relações fraternas que nesta ocasião se iniciam com o Partido Comunista de Cuba. Embora numericamente minoritário, o MES tem plena consciência do papel importante e insubstituível que tem assumido ao longo do processo revolucionário em Portugal, e que hoje se defronta com o Poder crescente da burguesia fortemente apoiada pelo imperialismo.

É na convicção de que seremos capazes de assumir as nossas responsabilidades revolucionárias, quaisquer que sejam as circunstâncias da luta, que o Movimento de Esquerda Socialista encara este estreitamente de relações com o Partido Comunista de Cuba, as quais certamente se vão desenvolver e consolidar no futuro.

Viva a Revolução socialista
Viva o Poder Popular

Viva o Internacionalismo Proletário
Lisboa, 26 de Maio de 1976

I CONFERÊNCIA NACIONAL DE ESTUDANTES DO M.E.S.

Realizou-se no passado fim-de-semana, dias 5/6 de Junho, a 1.ª Conferência Nacional dos Estudantes do MES. A Conferência, que contou com a presença de muitas dezenas de militantes, aderentes e simpatizantes da nossa organização, de todos os pontos do País, abriu com a Internacional e a leitura de saudações, entre elas a saudação do Comité Central proferida pelo camarada Ribeiro Mendes.

Num ambiente de profundo debate político colectivo, foram discutidos todos os pontos da ordem de trabalhos:

- Discussão sobre a situação política actual.
- Objectivos estratégicos: a educação na sociedade comunista.
- os objectivos de luta para os aparelhos escolares na fase de transição.
- Objectivos táticos: o Movimento Estudantil e o capitalismo.
- as tarefas do ME na 2.ª Poder Popular

fase de Resistência popular.

- objectivos imediatos de luta:
 - ao nível partidário
 - ao nível de unidade revolucionária
 - ao nível das estruturas democráticas
 - ao nível das alianças políticas
- Aspectos organizativos

De realçar que na discussão dos objectivos táticos se concluiu existirem as condições mínimas dum movimento de massas de estudantes, baseado, essencialmente, na estruturação federativa, tendo a organização aprovado desenvolver todos os esforços na criação da UNEP — União Nacional dos Estudantes Portugueses, capaz de responder às tentativas que a burguesia, através do MEIC, tem, vindo a desencadear no sentido da reconversão capitalista das escolas.

Durante o desenrolar dos trabalhos, foram aprovadas várias moções; de destacar

a de apoio à candidatura de Unidade Popular para o Socialismo do camarada Otelo e a de apoio à greve geral da Academia de Coimbra contra a prisão do estudante Fausto Cruz, aquando do comício dos fascistas do CDS, ambas calorosamente aplaudidas.

No final foram aprovadas



Relançar um forte movimento de estudantes integrado nas tarefas da resistência popular ao fascismo e ao imperialismo

as estruturas organizativas capazes de levar por diante os objectivos e o programa de luta definidos, e de novo ao som da Interindical terminaram os trabalhos, não sem que o camarada do Comité Central tivesse frisado a importância desta 1.ª Conferência Nacional dos Estudantes do MES.



PAVILHÃO DO M.E.S. NA FEIRA DO LIVRO

Todos os dias aí poderás adquirir propaganda do nosso Movimento bem como todas as nossas edições e publicações

UNIDADE, CONDIÇÃO PARA A VITÓRIA

A candidatura de Otelo à Presidência abre uma nova fase do processo político em Portugal.

Abalado com o 25 de Novembro, ressurgiu agora o Movimento Popular com toda a sua pujança e ficam alertados os cronistas políticos que assinalam esse ponto como um fenómeno que julgariam impossível.

Forças políticas até hoje divididas unem-se e juntam a si outras que o processo revolucionário a determinado momento tinha colocado numa posição vacilante entre a social-democracia e o socialismo. Pela 2.ª vez, (a primeira tinha sido o 1.º de Maio de 1974) desce à rua e manifesta-se no apoio a Otelo um amplo bloco de forças sociais que tornam realidade a unidade popular e que colocam aos revolucionários autênticos a necessidade de se unirem correspondendo a uma aspiração profunda do povo.

A primeira grande questão que o Movimento Popular em apoio a Otelo levanta é a da **Unidade**.

Sem unidade não há vitória. A unidade é a condição essencial para conquistar a vitória, Unidade do povo. Unidade dos revolucionários. Unidade dos democratas e anti-fascistas. Unidade das forças políticas verdadeiramente apostadas em lutar pelo triunfo da opção socialista em Portugal.

O MES apontou este caminho em uma das conclusões mais importantes do seu II Congresso.

Unidade que um homem, mesmo tratando-se de Otelo, não garante em definitivo. **É necessário forjar a partir deste momento uma unidade real em torno da candidatura de Otelo mas garantir a organização das forças que despertam para esse apoio activo.**

Se tal não suceder estar-se-à dando rédea solta ao triunfalismo e o sectarismo ressurgirá com mais força depois da data das eleições.

Não se terá avançado um passo no caminho da unidade do povo e dos revolucionários se não se organizar em termos sérios um **Movimento Político Unitário** que se torne um pólo de atracção para as forças socialistas que até hoje têm andado iludidas pela política social-democrata do Partido de Soares.

Não se terá dado um passo no caminho da unidade do povo e dos revolucionários se não resultar deste amplo processo de mobilização popular uma **organização de tipo frentista** que seja um interlocutor válido no campo da luta democrática, ao

mesmo tempo apta para dinamizar as lutas de base e para impor condições políticas às instâncias de poder que estão consagradas na Constituição.

Não se dará um passo no caminho da Unidade do povo e dos revolucionários se não formos capazes de preparar desde já a luta para a **conquista da direcção de muitas autarquias locais** nas eleições que terão lugar no final deste ano.

Para lograr avanços neste caminho difícil da unidade é necessário adoptar a todos os níveis uma política firme e intransigente de **combate sem tréguas ao trinfalismo e ao sectarismo.**

Se é útil do ponto de vista eleitoral que as massas adquiram confiança no seu candidato — Otelo — os revolucionários, os quadros de vanguarda devem combater o triunfalismo que aponta já como certa uma vitória de Otelo.

É preciso apontar às massas o caminho da vitória. Mas este caminho passa fundamentalmente pela **vitória no trabalho de organização.** Organizar GDUPs, dar-lhes direcções na base, ao nível intermédio, local, regional e nacional. A vitória não consistirá tanto em obter uma significativa percentagem de votos mas mais em **fazer persistir uma organização que ultrapassará em muito o simples somatório numérico dos quadros dos partidos que apoiam Otelo.**

É necessário pois combater o sectarismo.

É necessário fazer compreender aos quadros políticos que as massas, o povo, os trabalhadores aspiram antes de tudo à unidade. E também por outro lado, que os novos quadros que surgem neste momento são tão capazes como os quadros partidários de dirigir o processo e a organização que dele resultar. Estabelecer mecanismos de funcionamento democrático nos GDUPs, ligar os GDUPs às massas, vencer as dúvidas que persistem em muitos trabalhadores e em muitas camadas do povo acerca do sentido da candidatura, são condições essenciais para o triunfo estratégico desta batalha que se ganha em cada momento, organizando o povo a palma em novas estruturas onde o povo tenha a palavra e onde os melhores desse povo possam dirigir a todos os níveis.

É preciso também chamar a atenção para os quadros simpatizantes do PCP que o **sectarismo da política do PCP nas eleições presidenciais é um caminho que não conduz à unidade.**

É preciso mostrar como a movimentação em



torno de Otelo deve ser motivo de alegria e de confiança para os revolucionários e não motivo para agudizar contradições e estimular a divisão entre o povo.

É necessário fazer da prática de uma acção política em torno da candidatura de Otelo **factor de educação das massas**, de aprendizagem do exercício da crítica não sectária e motor de arranque de uma fase nova da luta de massas no nosso país em que têm lugar todos os que honesta e abnegadamente estão dispostos a colocar os interesses supremos da revolução acima do sectarismo e dos interesses particulares dos seus partidos, por mais vínculos que o liguem a ele, ou por mais respeito que lhes mereça a sua tradição e a sua história.

Face ao ascenso do movimento popular de massas em torno da candidatura de Otelo, são reduzidas a pó as táticas dos «grandes» partidos burgueses, social-democratas, e reformistas assim como são ultrapassadas as táticas partidárias dos partidos minoritários. **Face à onde enorme da movimentação popular só resistirá a tática que sempre apontou consequentemente o caminho da unidade.**

Hoje, mais uma vez, só a compreensão exacta da necessidade histórica para o triunfo do socialismo da unidade entre os revolucionários e o povo, pode ser garantia do prosseguimento da luta, da resistência no caminho da vitória.

Unidade popular para o Socialismo!

I CONFERÊNCIA DE TRABALHADORES FABRIS DE LISBOA



A I Conferência de Trabalhadores Fabris da Região de Lisboa, promovida pelo Movimento de Esquerda Socialista, reuniu uma centena de trabalhadores distribuídos, aproximadamente, por quarenta e cinco empresas. Esta conferência, que decorreu durante todo o dia de domingo, foi preparada em encontros regionais por cerca de 200 trabalhadores entre militantes e convidados da nossa organização.

Sob o tema «unir a classe operária e o povo contra a exploração e a repressão», esta conferência foi dividida em cinco grandes secções de trabalho.

As conclusões desta I Conferência serão divulgadas na próxima semana.

ATENTADO BOMBISTA CONTRA A ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-MOÇAMBIQUE

A total impunidade de que têm gozado os autores de atentados bombistas abre o campo ao alastramento da sua acção criminosa. Desta vez foi a Associação Portugal-Moçambique a organização visada pelos agentes do imperialismo, e cujas instalações são partilhadas pela Associação Portugal-Angola e pela Associação Portugal-Guiné-Bissau. A verdade é que a reacção não suporta o trabalho dos que em Portugal se batem pela estabelecimento de relações fraternas entre o nosso povo e os povos de Moçambique, Angola, e Guiné-Bissau que estão na primeira linha dos explorados e oprimidos contra aqueles que desesperadamente procuram manter o seu domínio de classe à escala mundial.

Sabemos bem que não

recuam perante os maiores crimes, como o demonstraram já no assassino político (padre Maximino e outros militantes antifascistas) e na morte indiscriminada, como na embaixada de Cuba. Desta vez poderiam ter causado um massacre entre os espectadores de um cinema. E entretanto, as investigações para encontrar os assassinos do padre Maximino a nada têm conduzido, apesar de serem bem conhecidos os seus autores ou, pelo menos, os seus amigos ou cúmplices. E as investigações sobre o atentado à embaixada de Cuba foram bloqueadas; são as anteriores polícias, é o VI Governo, é o chamado Conselho da Revolução que permitem e dão o seu apoio a este estado de coisas. Enquanto pides são libertados e instigadores fascistas são absolvidos, os assassinos



são deixados à solta. Outra coisa não seria de esperar do poder burguês que depois do 25 de Novembro do mina o nosso povo.

Viva a Reforma Agrária!

VIVA A REFORMA AGRÁRIA!
A TERRA A QUEM TRABALHA!
ABAIXO OS LATIFÚNDIOS!

Quem não tem estas palavras na cabeça? Quem ainda não as gritou repetidas vezes, nos comícios, sessões de esclarecimento, assembleias do sindicato, ou nas manifestações?

Após o 25 de Abril de 1974, foram muitas as vezes que nos juntámos para as gritar. Viemos de todos os lados em camionetas, em reboques, nas motorizadas e até a pé, mostrando a toda a gente, a nossa vontade de levarmos para diante a Reforma Agrária.

Melhor do que ninguém, nós sabíamos o que queríamos com a Reforma Agrária, porque tínhamos vivido durante muitos anos na nossa pele a exploração capitalista, que nos trazia a fome, a miséria, o desemprego, o analfabetismo...

Foi contra esta situação que nos levantámos; nós sabíamos que para cultivar as terras não precisávamos de andar às ordens de um patrão ou de um feitor; nós sabíamos que a riqueza que produzíamos podia ser distribuída entre nós em vez de ir encher os bolsos daqueles que não trabalham; por isso nos lançámos nas ocupações de terras e decidimos tomar nas nossas mãos as tarefas de as fazer produzir; e havia algumas que não eram cultivadas havia mais de 10 e 15 anos.

Durante apenas o ano de 1975 assistiu-se por todo este País à ocupação de mais de um milhão de hectares. Nestas terras soube-mos organizar-nos em cooperativas e unidades colectivas de produção, estando neste momento reconhecidas mais de 450. A sua distribuição por distritos é a seguinte:

Castelo Branco, 5; Santarém, 55; Lisboa, 7; Portalegre, 50; Évora, 165; Beja, 89; Setúbal, 77; Faro, 6.

No entanto de toda a área ocupada, em meados de Abril, ainda só estavam expropriados, ao abrigo da Lei da Reforma Agrária, cerca de 450 000 hectares; toda esta terra pertencia a menos de 500 pessoas!

A lentidão com que têm sido expropriadas as herdades ocupadas, é um obstáculo à consolidação das unidades colectivas. Por exemplo em Santarém, o processo de expropriação da Casa Agrícola «Cantante Mota» encontra-se parado no centro de Reforma Agrária, há vários meses, tendo já os trabalhadores destas herdades sido obrigados a manifestar-se repetidas vezes, contra a direcção deste centro regional.

Mas esta não é a única dificuldade que hoje se levanta. As primeiras medi-

das que constituem um insulto à luta dos operários agrícolas pela Reforma Agrária, foram assinadas pelos três partidos representados no 6.º Governo (P. S., P. P. D. e P. C.) aquando da sua formação.

Deste pacto entre os partidos fazem parte, entre outros, os seguintes pontos:

— A delimitação da zona de intervenção da Reforma Agrária, praticamente apenas ao Sul do Tejo. Fora desta área pode haver latifúndios que não serão expropriados.

— O estabelecimento dos 30 hectares como área abaixo da qual não haverá expropriações, mesmo que a pontuação obtida pelas tabelas seja superior aos 50 000 pontos.

— A atribuição do direito de reserva, a todos os proprietários quer trabalhem ou não eles próprios as terras, quer tenham ou não da agricultura a sua principal fonte de receitas.

dos grandes agrários, organizados na C. A. P.

Há no entanto, muitos outros processos através dos quais o 6.º Governo tenta parar a Reforma Agrária iniciada pelos trabalhadores:

— Pela não resolução dos problemas da comercialização dos produtos agrícolas; não se iniciando desde já a construção nas cidades de grandes armazéns para conservação dos alimentos produzidos pelas unidades colectivas; continuando o Ministério do Comércio Interno a seguir uma política que só favorece os intermediários.

— Pela incapacidade de prestar apoio técnico às unidades colectivas dele necessitadas.

— Pela não atribuição de crédito às cooperativas em condições vantajosas e a baixo juro, sendo feito neste momento o empréstimo aos proprietários em melhores condições que às unidades colectivas.

TAXAS DE JURO DO CRÉDITO A PARTICULARES E DO CRÉDITO AGRÍCOLA DE EMERGÊNCIA

Prazos	Crédito Agrícola Geral após 22-12-75	Crédito Agrícola
		após 25-3-76
Até 90 dias	4,5	6
90-180 dias	5	6
180 dias a 1 ano	6	6

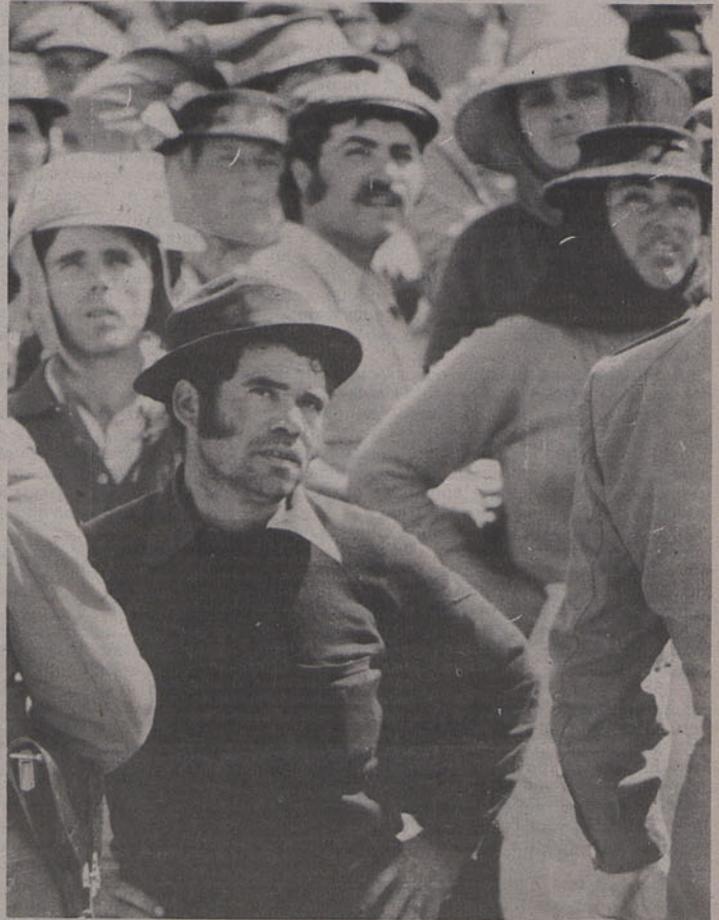
Estas foram o início das cedências feitas pelo 6.º Governo, face às pressões

— Pela inexistência de controlo sobre os proprietários que poderão vir a ser expropriados e que se apressam, enquanto é tempo, em retirar as máquinas e gados existentes nas herdades, bem como em fazer cortes rasos nos pinhais e eucaliptais. Mesmo que a terra venha a ser entregue a trabalhadores, nessa altura será pouco mais que pedra e pó.

O prosseguimento e consolidação da Reforma Agrária, só será possível com a tomada de medidas eficazes contra os exploradores e de apoio às cooperativas e unidades colectivas. Por isso nós sabemos que o 6.º Governo quando não toma essas medidas está contra a Reforma Agrária, está a parar com a Reforma Agrária.

No actual momento, em que a direita tenta jogar mais uma cartada decisiva, com as eleições para a Presidência da República, fazendo eleger um Presidente da sua confiança, teremos que saber distinguir entre todos os candidatos aquele que estará sempre, sempre ao lado do povo, apoiando as iniciativas e as lutas de todos nós trabalhadores, contra os exploradores, pela continuação da Reforma Agrária, pelo fim do capitalismo, e pela construção do socialismo na nossa Pátria.

(Texto tirado de «Unidade Camponesa» jornal mensal que se debruça sobre as lutas dos trabalhadores nos campos)



Depois do 25 de Novembro, os trabalhadores alentejanos já voltaram a ter a GNR pela frente... Mas a Reforma Agrária não recuará!

COOP. AGRÍCOLA CUSTOU MAS FOI Flor da Rosa — Crato

A herdade tinha 500 hectares de olival e mato. Foi ocupada por cerca de 25 trabalhadores da região, que já não conseguiram impedir que, o então rendeiro, levasse as dezenas de cabeças de gado bovino para Espanha, bem como as máquinas e os instrumentos agrícolas.

O trabalho tem sido duro lá na cooperativa, mesmo com as ajudas de outras unidades de produção. O crédito mal chega para os salários, não há crédito para máquinas, sementes, adubos.

Mas quem passasse no 1.º de Maio lá na «Custou-Mas Foi» via uma grande festa, via um tractor novinho em folha, todo enfeitado. É que, um grupo de sargentos da Armada, cotizou-se para oferecer um tractor e três alfaia à cooperativa.

E então pegaram nas famílias e nos amigos e encheram a aldeia de For da Rosa de carros e camionetas, com gente que queria saber o que se passa na Reforma Agrária, quer ler os jornais não chega.

A solidariedade para com os «trabalhadores da Reforma Agrária» encontra assim formas de reforçar a unidade de todos os trabalhadores. Quebrando barreiras que a reacção tenta cavar, cada vez mais fundo, entre a cidade e o campo, entre os trabalhadores rurais e os operários da indústria, entre todos os trabalhadores, fardados ou não!

Torres Novas

O antigo patrão e um bando de mercenários assaltaram o Centro Metalúrgico Torrejano, de Torres Novas, perante a total indiferença das autoridades públicas. Foi a união dos trabalhadores da zona, em especial dos que já estão constituídos em cooperativas, que derrotou mais esta tentativa patronal. Este facto contribuiu decisivamente, para tornar possível a unidade de todas as cooperativas da região. Por isso já existe um Secretariado Provisório para pôr em marcha esta união de cooperativas. Estão representadas cooperativas agrícolas, metalúrgicas, da construção civil, de habitação, de consumo e culturais.

Esta união já havia sido tentada mas sem resultado. Agora depois de uma luta conjunta e vitoriosa, as di-

ficultades foram vencidas e a organização unitária das cooperativas será uma realidade.

MINISTÉRIO DO COMÉRCIO INTERNO

O transporte de cereais que até agora era feito pela CP a 60\$00 por tonelada, foi entregue pelo Ministério da Administração Interna a uma empresa rodoviária a quem paga 150\$00/tonelada.

Isto é pago com subsídios de Estado.

Provocou o agravamento financeiro da CP.

Prevê-se o aumento de 25 por cento das tarifas da CP, embora os trabalhadores recusem esta medida!

Assim vai a administração do gordo Magalhães Mota. Coincidência?

OTELO: UM PROGRAMA PARA A LUTA, A UNIDADE E A VITÓRIA



Candidato à Presidência da República por imposição popular, comprometo-me perante os trabalhadores e o povo português, no caso de ser eleito, a garantir as condições para que o povo, unido e organizado, avance na resolução dos seus problemas a caminho de uma sociedade nova onde seja possível o exercício democrático do Poder pelas classes trabalhadoras, a sociedade socialista.

Assim,
Comprometo-me a:

1. Assegurar a defesa da Constituição da República Portuguesa, conquista do povo, que deve ser posta ao serviço dos trabalhadores — dos assalariados do campo e da cidade, dos operários de indústria e dos pequenos e médios agricultores, dos funcionários públicos, dos professores e dos pequenos e médios rendeiros, dos técnicos e dos comerciantes pobres e remediados, dos empregados de escritório, da Banca, dos seguros e do comércio.

Não consentir que as classes privilegiadas, que continuam a deter o Poder, anulem o que existe de progressista na nossa lei fundamental.

Comprometo-me a

2. Assegurar intransigentemente a defesa e o aprofundamento das conquistas fundamentais obtidas pelo povo português a partir do 25 de Abril:

— Reforma Agrária, que deve ser levada a cabo, consolidada e desenvolvida com a intervenção decisiva dos trabalhadores, beneficiando os pequenos e médios agricultores e rendeiros.

— Controlo operário por parte de todos os trabalhadores, que deverá ser incentivado, desenvolvido e alargado a todo o País.

— Nacionalizações dos sectores básicos da economia, que não se pode permitir que sejam de novo postos ao serviço dos grupos capitalistas e que devem desenvolver-se para servir o povo e a independência nacional.

— Direito à greve, direito sagrado dos trabalhadores que não pode estar sujeito a regulamentações que o ataquem e destruam.

— Liberdade de expressão, reunião e associação, desde que não fomentem ideias e práticas fascistas ou fascizantes.

Comprometo-me a

3. Defender, reforçar e desenvolver todas as formas de organização dos trabalhadores e especialmente as organizações populares de base, comissões de trabalhadores, comissões de moradores e conselhos de aldeia.

Estas organizações são uma criação fundamental e verdadeiramente democráticas das massas trabalhadoras, garantem a sua real unidade e constituem condição indispensável quer para a resistência quer para o avanço do movimento popular.

Comprometo-me a

4. Garantir a organização sindical autónoma dos trabalhadores, independentemente do Estado e dos partidos, contribuindo para a criação de condições que tornem possíveis as suas formas unitárias e democráticas.

Comprometo-me a

5. Respeitar a vontade dos trabalhadores e do povo, expressa nos resultados eleitorais, nomeando o Primeiro-Ministro de acordo com a Constituição e garantindo, nos termos constitucionais, que o Governo execute uma política que defenda os interesses dos trabalhadores e do povo e não aceitando uma governação que abra caminho à violação dos princípios constitucionais ou que

crie condições para o regresso ao fascismo.
Comprometo-me a

6. Não admitir quaisquer tentativas para fazer pagar às classes trabalhadoras a crise económica capitalista. A crise terá de ser combatida através de uma política que assegure o aumento da produção dos bens essenciais, a descida dos seus preços ao consumidor, o combate ao desemprego pelo aumento dos postos de trabalho e a libertação da dependência face às potências imperialistas.

Como primeiro e importantíssimo passo para levar à prática uma política económica desta natureza, há que colocar as empresas e os sectores nacionalizados sob o controlo dos trabalhadores e ao serviço destes, em ordem à reorganização e planificação da economia.

A resolução da crise económica só poderá dar lugar numa sociedade socialista, através da planificação económica, assente na independência nacional, na mobilização dos trabalhadores e na dinâmica criadora da sua luta.

Comprometo-me a

7. Levar o 25 de Abril aos pequenos e médios agricultores e rendeiros de todo o País, que foram os grandes esquecidos e têm de ter direito ao produto do seu trabalho e a uma real melhoria das suas condições de vida, à construção de estradas, hospitais, escolas, luz, água e esgotos. Para tanto, não podem continuar sujeitos ao domínio dos grandes intermediários e tem de lhes ser assegurado o escoamento dos frutos do seu trabalho a preço justo e garantido antes do início da campanha, o crédito em condições vantajosas e os adubos e rações, as sementes, máquinas e gado a preços baixos.

A Lei do Arrendamento Rural terá de ser rigorosamente aplicada.

Comprometo-me a

8. Garantir que a Reforma Agrária será levada até ao fim pelos assalariados rurais nas zonas de grande propriedade e, nas outras zonas, pelos pequenos e médios agricultores e rendeiros.

Os direitos dos pequenos e médios agricultores e rendeiros serão sempre escrupulosamente respeitados.

A Reforma Agrária deverá contribuir para satisfazer a independência do País no sector alimentar, em articulação com uma política progressista nas pescas.

Comprometo-me a

9. Combater as tentativas reaccionárias de cavar um fosso entre os pequenos e médios agricultores do Norte e os trabalhadores agrícolas do Sul, uni-los na mesma luta pela melhoria das condições de vida do povo português.

Recusando o espantallo de divisões políticas, religiosas e económicas, será possível superar as divisões que as forças reaccionárias procuram agudizar entre o campo e a cidade, entre o Norte e o Sul, entre o continente e as ilhas.

Comprometo-me a

10. Defender uma política de habitação e saúde ao serviço das classes mais desfavorecidas e não, como até aqui, protegendo minorias privilegiadas.

Defender uma política que se preocupe com os reformados e a velhice, dê protecção à infância e que liberte a mulher da situação de duplamente explorada como trabalhadora dentro e fora do lar.

Defender uma política de apoio aos emigrantes e suas famílias, quer aprofundando os laços que os unem a Portugal, quer defendendo firmemente as suas condições de vida e de direito ao trabalho, e lutar para que no futuro os portugueses não necessitem de emigrar.

Comprometo-me a

11. Promover uma política verdadeiramente democrática nos campos da educação, do ensino e da Informação, defendendo as formas de cultura nacional contra a dominação estrangeira, neste sector.

Lutar pela eliminação do analfabetismo e pela libertação cultural do povo, incentivando as manifestações de cultura popular e apoiando as associações e organizações que a desenvolvem.

Contribuir ainda para que o povo português possa ter acesso ao património cultural de toda a humanidade.

Comprometo-me a

12. Lutar por uma política de independência nacional que defenda os interesses do povo português contra as pressões e dominação das grandes potências estrangeiras e os interesses partidários a elas ligados, lutando especialmente pela libertação económica, política e militar face às potências imperialistas que mais directamente nos atingem.

Defender uma política externa de não-alinhamento em relação aos blocos político-militares e favorecer o desenvolvimento das relações com os países não-alinhados e particularmente os países do Terceiro Mundo.

Comprometo-me a

13. Desenvolver relações privilegiadas com os novos países africanos de língua portuguesa, aprofundando na base da solidariedade anti-imperialista o processo de descolonização.

A descolonização, convergência da luta antifascista do povo português e do M. F. A. com a luta dos movimentos de libertação nacional, pôs termo a uma guerra colonial injusta que custou ao nosso povo e aos povos das colónias muitos milhares de mortos e estropiados e muitos milhões de contos.

Pugnar pela resolução dos graves problemas que afectam os portugueses regressados de África, vítimas também de uma situação colonial imposta pelo regime fascista derrubado no 25 de Abril, reconhecendo que a resolução desses problemas se insere no quadro de relações fraternas com os novos países africanos, e passa pela aplicação de uma política económica ao serviço das classes trabalhadoras a que a esmagadora maioria desses portugueses pertence.

Comprometo-me a

14. Colocar as Forças Armadas e militarizadas ao serviço do povo e dos interesses nacionais, jamais permitindo que a repressão se abata sobre os trabalhadores.

As Forças Armadas competirá o combate à contra-revolução e ao terrorismo, não consentindo que as forças fascistas, ainda não derrotadas completamente, se aproveitem da liberdade conquistada em 25 de Abril para destruir essa mesma liberdade.

As Forças Armadas deverão assegurar um apoio activo à resolução dos problemas mais gritantes do povo português.

As Forças Armadas — povo fardado e nunca mercenários profissionalizados — têm de ser o garante da Constituição, tornando possível o verdadeiro exercício democrático do Poder pelos trabalhadores e pelo povo.

Poder Popular 5

UNIDADE POPULAR EM MARCHA OTELO-SETE DIAS COM O POVO

A unidade é uma questão difícil, dolorosa e muitas vezes é conseguida de forma precária. Muitas tentativas falham, outras destroem-se ao menor sopro. A unidade de forças políticas é praticamente impossível no campo do debate ideológico sòmente.

É necessário alguma coisa que elimine arestas, aproveite convergências e obrigue a superar mesmo que momentaneamente divergências.

Esta «alguma coisa» foi neste caso Otelu, que por sua vez perde o carácter pessoal para apontar para o fundamental.

O que é o fundamental? O fundamental é despertar as massas para a luta. É acordar toda a combatividade das C.T.'s, C.M.'s, Conselhos de Aldeia e suscitar a organização dentro dos quartéis.

É relançar o movimento de massas e ensaiar a sua unidade. É fazer renascer nas massas e numa fase de recuo o espírito da ofensiva e da unidade de acção.

Não tenhamos dúvidas. A Campanha de Otelu marca um momento histórico da luta de classes em Portugal.

Aliás, por todo o lado, o entusiasmo que a candidatura do 25 de Abril vem despertando excede todas as expectativas, mesmo as mais optimistas.

Enquanto Ramalho Eanes e Azevedo têm gabinetes que lhes preparam as deslocções, viajam de borla, esbanjando abusivamente o dinheiro do povo já que fazem «visitas oficiais» conforme os interesses de campanha e contam com apoios que podemos calcular quais sejam... Otelu conta com as próprias forças e com uma equipa de voluntários militantes.

Mas como dizia há 3 dias um operário da ferrugem, quando da visita à Siderurgia, «ele conta com uma força maior e mais pura; a força de todos nós trabalhadores».

É por isso que as praças se enchem de povo de mãos calejadas e corpo cansado, mas com voz forte

to, tal como todo o povo que o recebeu de braços abertos nas ruas e nos locais de trabalho.

Pode dizer-se sem qualquer exagero triunfalista que esta deslocação, feita na altura própria, foi a coisa mais linda que já se viu no Algarve. Contribuiu decisivamente para um novo despertar do povo trabalhador algarvio, contribuiu para a sua unidade, aumentou a sua capacidade de luta e de organização.

Nunca o Algarve se mobilizou em tão grande número nem com tanto entusiasmo, recebendo o seu candidato festivamente e dizendo-lhe estamos aqui para lutar, lutaremos por uma nova sociedade, pela independência nacional, marchemos juntos, para a frente é que é caminho.

«O povo segue em frente, Otelu a presidente», foi a palavra de ordem mais gritada por todo o povo, espelhando bem o que atrás afirmamos, a determinação popular, não havendo, portanto, grandes destaques especiais a fazer em relação ao entusiasmo com que Otelu foi recebido, por esta ou aquela cidade, por esta ou aquela vila, por esta ou aquela «emboscada» montada nas estradas do Algarve, pois o povo trabalhador estava irmanado pelo grito de unidade.

O entusiasmo popular deve porém ser tido na sua justa medida, os revolucionários devem manter a cabeça bem fria, pois só assim estarão em condições de analisar correctamente, não só, o entusiasmo popular, o seu número e o seu significado mas também

4.ª FEIRA, 2 ALGARVE PORTUGAL INDEPENDENTE COM OTELO EM PRESIDENTE

Otelu esteve no Algarve: houve festa popular.

Convidado pelo povo trabalhador algarvio, o companheiro Otelu visitou o Algarve, sempre bem dispo-



No Algarve: onde esteve Otelu, houve festa popular

encontrar os melhores meios para a grande batalha organizativa do movimento operário e popular e a tática correcta de acordo com a situação concreta, de maneira a levar de vencida os inimigos de classe.

A hora é de luta, luta unitária, esse é o caminho dos verdadeiros revolucionários, o caminho que o povo exige, o caminho que nos queremos.

Mantenhamos a cabeça fria, entrelacemos as mãos e «a vitória sorrir-nos-á».

A viagem de Otelu ao Algarve, mostrou mais uma vez que um amplo Movimento de Unidade Popular está em marcha por todo o país, no Norte, no Sul, nas Ilhas, nas fábricas e nos campos, esse é o desejo dos trabalhadores, esse é o desejo de Otelu, pois nem uma única vez nas suas inúmeras intervenções Otelu deixou de

exortar os trabalhadores à unidade, de frisar a sua necessidade.

Dar, pois, corpo organizativo a esse grande movimento de Unidade Popular é neste momento uma tarefa de todos os revolucionários, de todos os trabalhadores, de todos os que estão empenhados na transformação da sociedade de cada um que vivemos por uma nova sociedade a caminho do socialismo.

6.ª FEIRA SIDERURGIA NACIONAL E MOSCAVIDE

Muitos milhares de operários da Siderurgia e de Paio Pires enchiam por completo o Pavilhão Desportivo desde as 17 horas. Foi com entusiasmo transbordante que Otelu foi recebido, apesar de ter chegado com mais de uma hora de atraso devido a inúmeras paragens a que pelo caminho o entusiasmo popular obrigava.

Um operário da ferrugem, «um dos dois mil da Siderurgia que subscreveram as listas de apoio à candidatura», definiu esta como «a única candidatura do povo trabalhador deste país». E acrescentou: «Todos devemos alguma coisa a Otelu Saraiva de Carvalho. Pelo menos devemos-lhe a possibilidade de construir um país de acordo com as necessidades e a vontade de quem trabalha».

Antes de Otelu falou um ex-militar «saneado do 25 de Novembro» que referiu: «com Otelu no COPCON tinhamos a democracia nos quartéis. Hoje nos quartéis, com Ramalho Eanes, há repressão! E criam-se as condições para lançar os soldados contra o povo!»

Otelu começou por afirmar que estava ali a convite dos trabalhadores. «As minhas visitas à Lisnave e à Setenave têm sido muito atacadas por parte de elementos de certas forças políticas que afirmam que fui dividir os trabalhadores e que ultrapassei as comissões de trabalhadores, órgãos populares de base que me proponho defender».

«Ora isto é falso!» — afirmou Otelu — «fui a convite dos trabalhadores, pelo menos da sua grande maioria que ali me saudavam calorosamente. Por outro lado, se ultrapassei as CTs, foi por que elas, como aliás a daqui da Siderurgia, se

não dirigiram dizendo quais os limites que deveria ter a minha visita. Espero bem que amanhã não venham também com moções dessas, depois desta recepção calorosa que vocês me estão aqui a fazer».

Em frente, em frente, Otelu a Presidente foi a resposta unânime de milhares de vozes.

Otelu prosseguiu: «Não posso aceitar que afirmem que a minha candidatura é divisionista, porque se o fosse eu seria o primeiro a não aceitar! O meu programa é um programa de unidade e a provar mais uma vez que tenho razão está a vossa presença maciça aqui hoje».

Certas forças políticas de esquerda promovem junto das suas bases o ataque à minha candidatura recorrendo à calúnia, muitas vezes com processos muito semelhantes aos dos partidos da direita reaccionária — lembrou Otelu Saraiva de Carvalho, para confessar de seguida: «Eu cimeiti, de facto muitos erros ao longo destes dois dias do processo revolucionário, e assumo a responsabilidade dos erros cometidos. Mas quem é que não os cometeu? Quem não os tenha cometido que atire a primeira pedra». E, miéis adiante:

«Eu sou de facto um traidor: trai a classe burguesa a que pertence. Agora, a partir do 25 de Novembro, quando consegui cortar com todas as conciliações e compromissos de corredor e de gabinete, pedi a minha desgradação de general para voltar a ser melhor e estar lado a lado com os trabalhadores em luta».

Im alusão evidente a declarações recentes de Pires Veloso, Otelu afirmaria também: «autoridades altamente responsáveis afirmam que os operários das indústrias são pagos principemente e que não trabalham. Esses senhores deveriam vir para aqui trabalhar como vocês, junto a fornos que atingem temperaturas de dois mil graus, suportar a silicose que se introduz no corpo dos operários e os destrói, porque não há medicina preventiva. Suportar as poeiras, que produzem um desgaste físico enorme. Então esses senhores falaria-mos doutra maneira».

Otelu referiria ainda a incongruência de «serem as mesmas pessoas que, no passado 19 de Agosto, me queriam empurrar para a Presidência — e eu não aceitei — dizerem, agora, ser inaceitável a minha candidatura e afirmarem que abandonam o País se eu for eleito».

A terminar Otelu referiria: «Sei que neste preciso momento há pessoas a passar de mão em mão a carta que eu escrevi em tempos ao Gen. Vasco Gonçalves. Têm essas pessoas a intenção de me caluniar».

Sobre isso tenho a dizer o seguinte: ainda na semana passada almocei em casa do Vasco Gonçalves e conversamos sobre muitas coisas, e também sobre essa carta. Temos um pelo outro, apesar de certas divergências, uma amizade e um respeito muito grandes. Amizade e respeito que por certo os senhores que neste momento distribuem a carta não têm pelo Vasco



Gonçalves. Eu convindo esses senhores a formarem uma comissão e a irem a sua casa, inteirar-se do que ele pensa dessa carta.

Como já expliquei noutras ocasiões, a carta vinha numa sequência de várias conversas pessoais que eu tivera com o General e em que o aconselhava a aceitar um outro lugar em que pudesse manter-se no processo pois que a campanha que contra ele decorria, nomeadamente nas Forças Armadas, não aconselhava a que se mantivesse como Primeiro-ministro.

Aliás aquela carta era confidencial, tendo eu tomado todas as precauções para que não fosse divulgada. Se ela contribuiu para a queda de Vasco Gonçalves, e responsabilidade cabe unicamente ao seu gabinete que foi quem a divulgou».

No final de toda esta explicação era visível o entusiasmo e adesão dos milhares de trabalhadores presentes à única candidatura que dá garantias de prosseguir a revolução iniciada em 25 de Abril... a caminho do Socialismo!

A noite, nova recepção calorosa aguardava Otelu em Moscavide.

MOSCAVIDE UNIDADE, O QUE É?

Cerca de dez mil trabalhadores enchiam completamente o pavilhão desportivo.

Otelu centrou a sua intervenção na necessidade de construir a unidade de todos os explorados sendo frequentemente interrompido por ovações e palavras de ordem.

Antes tinham falado os camaradas Pina, da CM do bairro de lata 14 de Junho; Ferreira, operário metalúrgico da PAEP, membro do GDUP desta empresa e militantes do PCP; e Jerónimo Franco, do GDUP da TAP e ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa.

Desta intervenção transcrevemos, pelo seu significado, a parte em que define a unidade que é necessário construir:

«Unidade não significa fazer aquilo que os outros querem; isso não é unidade é encarnear».

«Unidade não significa ir para uma reunião com o propósito de escorraçar camaradas que estão connosco, só porque pertencem a outro partido que tem opiniões diferentes. Isso é cavar a divisível».

«Unidade significa respeito pelos camaradas independentemente do partido em que militam, desde que lutem contra a exploração e a opressão».

«Unidade não significa lutar para que sejam os militantes do partido da nossa simpatia a serem os dirigentes das nossas organizações».

«Isso tem causado divisionismo, discussão azeda, pancadaria e desmobilização em muitos locais! «Proceder assim é dar razão ao nosso inimigo: o capital».

«Devemos lutar, isso sim, para que sejam os camaradas mais válidos a desempenhar esses cargos; não podemos pôr gente válida de parte; não nos devemos dar a esse luxo; não podemos sentir que militantes de um partido num órgão de trabalhadores pisem tudo e todos só porque estão em maioria; isso é espírito de seita, corrói a democracia e cria a desunião!»

«Mas também não devemos consentir que em nome da unidade provocadores e lacaios da burguesia se introduzam no nosso seio. Para esses só há uma solução; é desmascará-los politicamente com provas concretas de modo que ninguém fique com dúvidas. Caso contrário as nossas organizações podem ser destruídas».

«E o que são essas organizações?»

«Essas organizações são o aparelho através do qual já exercemos algum poder e que nos permitem no futuro exercê-lo a todos os níveis».

«Sim, poder! Estamos fartos de ter vontade!».

SÁBADO, 5

MAIS UMA JORNADA TRIUNFAL (APESAR DAS MANOBRAS) NO ALENTEJO!

No sábado, Otelu deslocou-se à zona de Alcácer zona em que os trabalhadores têm levado por diante energeticamente a Reforma Agrária. De realçar a recepção entusiástica em Casabres apesar de todas as manobras tentadas para boicotar a sua visita; na véspera, mãos clandestinas distribuíram profusamente (como já vem sendo hábito) a carta a Vasco Gonçalves.

Entretanto quando o GDUP de Alcácer foi a Casabres avisar da visita de Otelu, foi seguido por um automóvel com elementos do PCP que tudo fizeram para desmobilizar os trabalhado-

res, tendo mesmo, com esse fim, convocado uma reunião para esse dia.

Foi ainda distribuído um comunicado assinado pela Comissão Agrícola das Cooperativas de Casabres, dizendo que Otelu não tinha sido convidado, e insistindo que a sua visita iria dividir os trabalhadores (como na cooperativa não existe nenhuma comissão com este nome, tudo leva a crer tratar-se de mais uma manobra).

Tudo isto foi em vão, pois os trabalhadores sabem que podem confiar em Otelu e não vão em golpes baixos.

Foi significativo o facto de muitos trabalhadores terem declarado a membros da comitiva que se Otelu, conhecedor destas manobras, tivesse cancelado a sua visita, se teriam organizado para ir com ele e convidá-lo.

Na sua alocução, Otelu esclareceu que não tinha tido (nem nunca fora invocada) qualquer convite. «A visita a Casabres deve-se ao significado da luta que aqui se tem desenvolvido» — afirmou.

Em Alcácer e Torrão foi com grande emoção que enormes massas de trabalhadores receberiam Otelu. Depois de jantar na coop. 11 de Março, e apesar de estar já bastante atrasado não pôde furtar-se em Rio de Moinhos onde toda a população da aldeia bem como os trabalhadores das coop. Vitória do Sado, Agua Derramada e S. Romão, o aguardava.

De regresso a Lisboa, Otelu realizou um breve comício em Setúbal perante milhares de pessoas que enchiam completamente a Praça do Bocado.

Finalmente perto da 1 hora da manhã chegaria ao Parque Eduardo VII, onde dezenas de milhares de pessoas o aguardavam há várias horas sem arredar pé.

Foi a apoteose de uma jornada triunfal.

De pé e com grande entusiasmo, toda a gente gritou demoradamente o no-

me do homem que querem colocar à frente do País. Otelu, cansado, expressou a sua surpresa pois, segundo afirmou «já não contava, a esta hora, encontrar aqui tanta gente».

Foi com um ambiente muito quente que Otelu se dirigiu àquela multidão referindo-se aos temas centrais da sua candidatura.

DOMINGO, 6

Não vamos repetir a descrição de entusiasmo e adesão que por todo o lado a candidatura de Otelu suscita.

Descreveremos apenas sucintamente mais esta jornada por terras alentejanas.

Uma caravana com cerca de 50 viaturas partiu de Alentejo tendo-se em Arraiolos onde a aguardavam muitas centenas de trabalhadores rurais, distinguindo-se muita gente das Coop. de Sant'Ana da Serra.

Dirigiu-se depois para o Vimieiro tendo sido obrigado a parar por cinco ou seis vezes devido a barri-

das que os trabalhadores queriam com esse objectivo. A certa altura Otelu foi obrigado a subir num tractor e ir, deste modo, visitar uma cooperativa.

O almoço foi na União das Cooperativas do Vimieiro (agrupa 12 coop.), com a presença de mais mil trabalhadores.

Tendo ultrapassado S. Miguel de Machede e Igrejinha onde o povo o saudou, Otelu atingiu Évora onde era aguardado por muitos milhares de simpatizantes.

Seguiu-se comício na Praça do Geraldo. De notar que na véspera o PCP realizara uma sessão de canto livre seguida de comício com a presença de Octávio Pato que reuniu cerca de 300 pessoas (de notar que o PCP foi nesta zona o partido mais votado nas últimas eleições).

Ao fim da tarde, nova recepção triunfal em Beja. Cerca de cinco mil pessoas concentraram-se na Praça da República exigindo Otelu para Presidente.

Otelu juntou na herdade das Amendoeiras antes de regressar a Lisboa.



No Parque Eduardo VII, manifestações de cultura popular preencheram a tarde. Na foto, o grupo de teatro da Quinta das Fonecas em exibição



Quando Otelu chegou ao Parque Eduardo VII já de madrugada, foi a apoteose de uma jornada triunfal



Na Siderurgia, milhares de trabalhadores exigiram: Otelu para presidente!

Que política defende o P.C.?

O PCP realizou na passada sexta-feira dia 4 um comício no Pavilhão dos Desportos, no Porto. O anúncio da presença de Pato, candidato à PR e do secretário-geral do PCP não foram suficientes para encher o recinto.



Álvaro Cunhal afirmaria: «**Não hostilizamos, nem candidato militar do CR. A História mostra que há homens de direita que evoluem para a esquerda e de esquerda que evoluem para a direita.**»

Disse ainda: «**O major Otelo não desempenha hoje funções de responsabilidade e não representa as estruturas militares. Contestá-as, o que não contribui para a coesão das Forças Armadas. É uma candidatura que cria novas divisões e ilusões e que tem em vista permitir lançar as bases de um partido esquerdista unificado contra o PCP.**»
Que pensar destas afirmações?

A própria natureza confusa de que se revestem denuncia o seu verdadeiro significado — tentar explicar o inexplicável; isto é: o PCP, com larga implantação e responsabilidades nas massas trabalhadoras deste País, pretende convencê-las de que é correcto não hostilizar o candidato da direita. Por outro lado afirma que não se deve apoiar o candidato de Unidade Popular, e tenta justificar a apresentação de um candidato partidário — Pato — sem possibilidades de vencer, e que objectivamente serve a direita visto que divide o campo popular.

Quanto à afirmação de que «há homens de direita que evoluem para a esquer-

da», etc., pensamos que é claro o carácter gratuito destas afirmações. Também há homens de direita que evoluem para a extrema-direita. E parece ser esta hipótese de evolução bem mais provável do homem que tendo chefiado o golpe contra-revolucionário de 25 de Novembro, hoje dispõe do apoio do PPD, do CDS, da CAP, da CIP da AOC e do MRPP...

Outra questão que merece resposta mais meditada é da coesão das Forças Armadas. Cunhal acusa Otelo de criar novas divisões nas Forças Armadas. Mas que divisões são essas de que Cunhal fala?

As actuais Forças Armadas após o golpe de 25 de Novembro e graças à «reestruturação», da responsabilidade de Eanes, vão a caminho da profissionalização, restauradas na sua função de máquina de reprimir ao serviço da burguesia.

Perguntamos: Álvaro Cunhal está preocupado em garantir a coesão de que Forças Armadas? Das que hoje são comandadas por Eanes e Galvão de Figueiredo, Pires Veloso e Jaime Neves, Morais da Silva e Pinho Freire que nenhuma garantia dão de se colocarem ao lado do povo na luta pelo socialismo? Será «criar novas divisões e ilusões» afirmar — como tem feito Otelo — que as funções das FA, a partir de

25 de Abril só pode ser a de estar ao lado do povo e das suas lutas contra todos os exploradores? Serão «ilusões e novas divisões» lutar contra a profissionalização das FA, evitando que se tornem em corpo de mercenários prontos a virarem as suas armas contra o povo?

Estas posições do PCP, expressas quer em declarações dos seus dirigentes, quer pela campanha reles contra Otelo que os jornais que lhe são afectos têm realizado assume alguns aspectos quase inacreditáveis...
Ela tem, por certo, espantado e desgostado os seus simpatizantes, largas camadas do povo trabalhador que nele confiaram e hoje se sentem perplexos, e mesmo enganados.

Até onde estará o PC disposto a ir para tentar salvar a sua pele comprometida? Depois de ter espalhado aos quatro ventos a tese ilusória da maioria de esquerda, que só seria possível se Mário Soares — que dela faz troça — a aceitasse, o PC promete agora não hostilizar o «candidato mais viável», que aliás já afirmou expressamente rejeitar o seu apoio.

Decididamente o PCP nunca aprenderá a lição: que não é em gabinetes mas junto do povo, que não é com conciliações e compromissos, mas na luta que se constrói o socialismo!

BREVE

AFINAL EANES NÃO FOI À MISSA

Afinal Eanes não chegou a participar na tão anunciada missa na Sé do Porto.

Em vez desta original forma de propaganda eleitoral, o general entendeu mais lucrativo ir passear os olhos escuros ao primeiro comício partidário em que participou... do PPD, na Póvoa de Varzim.

Na véspera houvera também comício no Porto, organizado pelo PS, mas sem general... tão ao gosto dos rapazes do PRT (a quem, aliás, Soares não dá ouvidos...).

QUE SE PASSA?

PS e PPD realizaram comícios no Campo Pequeno de apoio a Ramalho Eanes.

Nenhum deles logrou encher as bancadas, e a arena ficou vazia. No entanto certa imprensa continua a quase chamar presidente ao general. Tal como muitos secretários geniais. Só que estas declarações são cada vez mais... monólogos.

Que se passa?

SE ELE SOUBESSE...

Azevedo tem tido grandes dificuldade para legalizar a candidatura. Mesmo com viagens à borla: as viagens oficiais em que aproveita para fazer campanha (em que aliás não é o único...); mesmo com um Ministro e oficiais a trabalhar para ele, o almirante já se queixa da lei eleitoral que — afirma não favorecer candidatos independentes...

É que sem apoio do povo, não é fácil fazer estas coisas. Se ele se tem lembrado que ia precisar do povo... tinha-o tratado melhor aqui há alguns meses...



Melo-C.I.P. Ou tudo ou nada...

Vasco de Melo, patrão da CIP (Confederação da Indústria Portuguesa) e ex-dono do grupo CUF (CUF do Barreiro, Lisnave, Setenave, Siderurgia, Banco Totta, Seguros Império e muitas outras) foi a Londres dissuadir os investidores estrangeiros de, por enquanto, investirem em Portugal.

«O investimento estrangeiro só deve começar depois, quando a atmosfera política e económica se tiver clarificado, revelando os melhores sectores de investimento.»

Vasco de Melo revelou que tencionava visitar outros países depois da Inglaterra, nomeadamente a Alemanha, a Suíça e os Estados Unidos, levando a mesma mensagem aos homens de negócios sobre «o verdadeiro estado de Portugal».

«Esperamos que pelos seus próprios canais tentem influenciar e criar uma atmosfera mediante a qual os seus Governos possam fazer ver a necessidade ao nosso Governo de que a estratégia económica terá de inspirar-se em bases muito pragmáticas e realistas e não ideológicas» acrescentou.

Assim fica tudo claro, não?

Os senhores da massa ainda não estão contentes com a situação. O 25 de Novembro não lhes chegou...

Querem — ou tudo ou nada.

Veja-se ainda, como mais um exemplo, as recentes declarações de Tomás Rosa, ministro «do Trabalho», à chegada dos EUA sobre o comportamento das multinacionais no nosso país:

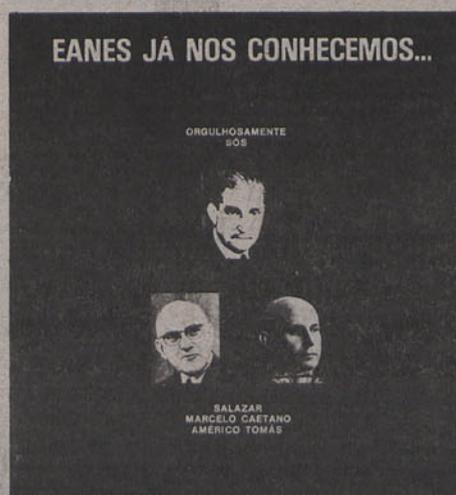
«Notou-se que houve, há tempos atrás, uma desconfiança e vontade de se ir embora, mas essa fase foi ultrapassada e os receios vencidos. As multinacionais aguardam o resultado das eleições e já não pensam em retirar-se.»

Cabe-nos a nós responder-lhes condignamente!

P.S.D.I. apoia Eanes

Partido fascista desaparecido com a queda de Spínola, reaparece agora, significativamente, a apoiar Eanes...

Notificado em que o faz, pergunta a certa alitu-



ra: «Quem melhor que Ramalho Eanes pode concertar num Governo maioritário P. S.-P.P.D.-C.D.S., necessário para tentar salvar o País do caos e da miséria em que um ano e meio de ditadura comunista-gonçalvista, de base social-fascista e radical-populista mergulhou este País?»

Não há dúvida de que Ramalho Eanes é mesmo o D. Sebastião de todos os reaccionários...

O PAPA E A POLÍTICA

O Papa pronunciou-se sobre as eleições em Itália:

categorico. Os católicos não podem votar em partidos marxistas, porque o comunismo é contra a religião... Por aqui se vê o que é para a hierarquia da Igreja a não ingerência nos assuntos internos (políticos) dos países... agora que a esquerda em Itália tem condições para ganhar as eleições, aparece o Papa a tentar afastar o terrível perigo de ter comunistas no poder... É curioso que Paulo VI nunca se tenha pronunciado sobre o voto nos partidos burgueses (fascistas, e outros) cuja prática é o mais contrária possível à ideologia cristã.

Sá Carneiro — pelo capital, contra a Constituição

Um dos principais defensores da exploração capitalista, com boa folha de serviços prestados na venda de Portugal ao imperialismo, é Sá Carneiro.

No decorrer de um almoço no Clube Americano, Sá Carneiro defendeu a aplicação a Portugal de um «mini plano Marshall». Para isso seria necessário «apelar às organizações internacionais no sentido de virem a Portugal elaborar as linhas mestras de um plano global a submeter ao Governo e ao Parlamento, e desenvolverem a sua ajuda a partir daí».

Quer dizer: já não basta a CIA, as pressões internacionais, a esquadra da NATO em «manobras» a longo das costas, os boicotes económicos — Sá Carneiro quer cá os americanos a «elaborar as linhas mestras do plano (económico) global».

Porque é que, em vez de Eanes, o PPD não apoiou Kissinger para a Presidência?

A finalizar, o dirigente pepédistas, descaindo-se (?) vai mais longe e descobre o fogo: como tencionava violar os direitos aos trabalhadores consagrados na

Constituição.

Respondendo a uma pergunta acerca da Constituição, Sá Carneiro afirmou que esta «contém expressões de teor indefinido, como a sociedade sem classes, a referência a um poder revolucionário dos trabalhadores, ou a um controlo operário». E adiantou: «Os males, se os houver, não estão tanto na Constituição mas na política do Governo. Por exemplo, quando se fala em controlo operário, não nos devemos deixar assustar com esta expressão, o ponto está em saber o que é que o Governo tenciona regulamentar sobre esta matéria».

Assim, aonde se consagram direitos dos trabalhadores, temos «expressões indefinidas». Mas, segundo Sá Carneiro, os capitalistas não se devem deixar assustar pois o Governo poderá regulamentar a matéria de modo a fazer precisamente o contrário do que a Constituição manda.

Deste modo os «males» — os direitos dos trabalhadores — são sempre males para os seus exploradores, poderão ser evitados, se deixarmos que o Governo cumpra os desejos deste Carneiro.

Uma luta importante na função pública

Os trabalhadores do INE desenvolvem neste momento uma luta importante. A necessidade da burguesia de pôr em pleno funcionamento o aparelho de Estado para que sirva de apoio à reconversão capitalista da economia, leva à repressão de todas as movimentações dos trabalhadores da função pública (TFP) de modo a torná-los carneiros doces a cumprir o que o Governo quer, sem organização, sem sequer possibilidade de resistir ao desemprego maciço.

Os trabalhadores do INE ao manterem-se firmes perante ameaças cada vez mais duras estão a ser um exemplo que pode dar a outros locais de trabalho da Administração Central novo alento para se organizarem e lutarem contra esses objectivos governamentais.

Antecedentes — No INE a luta começou com a elaboração de um caderno reivindicativo, aprovado em AGT em princípios de Maio com o seguinte conteúdo fundamental:

1. Readmissão de ex-colegas colocados no quadro geral de adidos, após terem regressado da guerra colonial, para lugares em que, depois de um inquérito aos serviços, se fazia sentir falta de pessoal.
2. Obtenção de subsídio de almoço até à possível frequência de uma cantina.
3. Emolumentos — A reacção do Governo em conjunto com a Comissão Directiva teve duas fases: 1.ª — Tentativa de utilização da escala hierárquica para obrigar os responsáveis de serviços a não dar trabalho aos novos funcionários e de divisão adidos/trabalhadores ameaçados aqueles com sanções disciplinares caso insistissem em querer trabalhar. 2.ª — Ocupação policial do INE, isolamento do Secretariado da Comissão de trabalhadores e de outros dois trabalhadores dos mais activos com a sua suspensão e abertura de um pro-

cesso de inquérito; divisão entre trabalhadores pela colocação de colegas contínuos a fiscalizar as entradas de modo a impedir a ida para o trabalho dos adidos.

A posição firme dos trabalhadores unidos por algo que compreendiam bem e que sentiam como seu, levou o subsecretário a ir a uma AGT, onde, perante a presença maciça do pessoal do INE levantou as suspensões, retirou a PSP e entrou num processo de negociações que empregou a quase totalidade dos adidos ficando os poucos restantes dependentes de estudos a efectuar rapidamente por responsáveis de serviços.

A luta neste momento — As outras reivindicações (sobretudo o subsídio de almoço) nunca mais foram satisfeitas e, ao fim de múltiplas reuniões e conversas estérteis, uma AGT decretou um prazo final de meia semana finda a qual se entrou numa greve progressiva e depois em greve total ilimitada. Várias actividades culturais — teatro, filmes, coros — e reuniões de discussão preencheram o tempo da paralisação — cumprida a 100 por cento.

O Governo começou por manter a recusa de satisfações das justas reivindicações e ameaçar todo o Instituto de perda de vencimento das horas de greve.

Perante a firmeza dos trabalhadores, cede o subsídio de almoço aos colegas do INE, mantém a recusa dos emolumentos, remetendo o caso para uma destas comissões ministeriais que só funcionam quando convém ao ministro ou ao partido do ministro, e, factor essencial, reafirma o corte nos vencimentos, adiando que, se os trabalhadores se recusarem a fornecer as folhas dos descontos ser-lhes-á cortado o vencimento por inteiro este mês.

Além disso demite a actual comissão de direcção manifestamente incapaz de controlar os trabalhadores substi-

tuindo-a por outra a nomear dentro e/ou fora do INE e ressuscita o inquérito aos suspensos da primeira fase da luta afirmando já estar concluído e portanto pronto a serem aplicadas as conclusões.

Perspectivas — Numa altura em que toda a função pública reage a um dec. fascista, que reduz o salário em 60 por cento e ameaça de de-

semprego largos milhares de trabalhadores (o dec. 294/76), tendendo a ultrapassar uma direcção sindical provisória que tem, através do adiamento das decisões e da recusa em definir formas de luta geral mais duras que uma manifestação, traído sistematicamente as aspirações dos TFP, a luta do INE é fundamental para servir de ponta de lança

e ao mesmo tempo de catalisador a uma mobilização geral do sector que obrigue o sindicato a pôr-se ao serviço dos trabalhadores e que obrigue o Governo a ceder perante a unidade dos TFP ou então a mostrar a sua verdadeira face restaurando oficialmente o estatuto disciplinar fascista ou uma versão mais social-democrata do mesmo.

Uma coisa é certa: só uma ampla unidade e apoio em volta da luta dos trabalhadores do INE pode obrigar o Governo a recuar e a não reprimir cada vez mais violentamente os nossos colegas.

Viva a justa luta dos trabalhadores do INE
Funcionários Públicos do MES

Manifesto aos trabalhadores de seguros

A unidade dos revolucionários antifascistas é uma necessidade sentida por cada vez mais amplas camadas de trabalhadores.

Também entre os trabalhadores de seguros a unidade forjada na luta encontra eco e leva muitos deles a constituir uma frente unitária.

O Manifesto que passamos a divulgar é o resultado dum discussão ligada a uma prática de luta contra a recuperação capitalista e a canalização do reformismo, em que o sectarismo e o divisionismo foram banidos.

Quem somos

Um grupo de trabalhadores de seguros, tomando consciência do momento grave em que se encontra o país e a indústria seguradora, o divisionismo que reina entre os trabalhadores, causado pelas disputas entre grupos empenhados em atingir os seus objectivos, com total desprezo pelos reais interesses dos trabalhadores, resolvem promover a criação de uma frente unitária, que vise unir os trabalhadores numa luta comum contra o fascismo e o capitalismo.

O 25 de Novembro e as suas consequências para os trabalhadores

O golpe que as forças reaccionárias militares e civis executaram traduziu-se num avanço descarado do fascismo em todos os campos, aproveitando as forças capitalistas para tentar recuperar as posições perdidas com a ofensiva popular, e aniquilar as conquistas dos trabalhadores, responsabilizando-os ao mesmo tempo pela crise económica que eles próprios geraram.

A unidade dos trabalhadores forja-se na luta diária por objectivos concretos

A a saca fascista e o avanço da direita só podem ser combatidos com a unidade dos trabalhadores nas fábricas, nos campos e nas empresas.

Essa unidade tem de ser conquistada na base e construída nos locais de trabalho, nas organizações autónomas dos trabalhadores, nos sindicatos, na luta por objectivos concretos, na luta pela defesa das conquistas alcançadas e na resistência à ameaça fascista e contra o capitalismo.

Não é com alianças de políticos ao serviço dos exploradores, à mesa das negociações e da conciliação, nas costas dos trabalhadores, que a unidade se constrói, nem tão pouco com a ilusão de que as eleições resolvem os problemas dos trabalhadores.

A unidade que os trabalhadores querem é a **unidade forjada na luta** pelos seus reais interesses, é a unidade que **multiplica as forças para resistir e preparar o avanço** em direcção ao objectivo final que é o **SOCIALISMO**.

Em Portugal, como noutros países, o capitalismo só poderá sobreviver se os exploradores conseguirem impôr aos trabalhadores um regime autoritário e repressivo e não hesitarão se necessário a recorrer ao fascismo e afogar num banho de sangue as lutas dos trabalhadores.

Por isso, o capitalismo contém em si o fascismo e por isso **lutar contra o fascismo é lutar contra o capitalismo e pelo Socialismo**.

As tarefas dos trabalhadores de seguros

Os trabalhadores de seguros têm também um contributo a dar nessa luta e têm a responsabilidade de ao lado do povo trabalhar e combaterem por uma sociedade justa onde não mais existam explorados e oprimidos, solidários com todos os povos do mundo que lutam também pela independência nacional e pela libertação do jugo imperialista.

Por isso apontamos aos trabalhadores de seguros os seguintes objectivos concretos de luta:

1. Pela unidade dos trabalhadores de seguros, pela luta contra o divisionismo e pela tomada de consciência dos interesses e aspirações comuns;
2. Aliança com todos os outros trabalhadores constituindo uma ampla frente de massas antifascista e anticapitalista;
3. Contra as desnacionalizações e pela defesa política das nacionalizações;
4. Contra a recuperação capitalista dos seguros, contra a concorrência e concentração monopolista, contra as fusões impostas e contra o desemprego;

5. Pelo controle operário, pela denúncia sistemática e organizada, pela coordenação e centralização e pela ligação com outros sectores;

6. Por Sindicato controlado pelos trabalhadores, pelo apartidarismo, pela independência face ao Estado, pelo anticapitalismo, pela democraticidade, pela revogabilidade a todo o momento dos corpos gerentes, pela unicidade sindical;

7. Por uma Central Sindical única, pela democratização de toda a estrutura sindical;

8. Pelo reforço das Comissões de Trabalhadores, eleitas democraticamente, que coordenem o controlo operário exercido por todos os trabalhadores;

9. Pelo reforço da Intermunições de Trabalhadores de Seguros;

10. Pela defesa do nível de vida dos trabalhadores;

11. Pela redução dos leques salariais;

12. Por uma previdência controlada pelos trabalhadores e colocada exclusivamente ao seu serviço;

13. Contra o aumento do horário de trabalho e dos ritmos de trabalho;

14. Contra a discriminação dos sexos;

15. Pelo direito à greve e contra o «lock out»;

16. Contra os despedimentos;

17. Contra a reintegração dos reaccionários e fascistas;

18. Contra os saneamentos dos antifascistas e revolucionários;

19. Contra a discriminação laboral.

Denunciemos os crimes das ditaduras latino-americanas!

O Comité Exterior do M.I.R. (Movimento de Esquerda Revolucionária) dirige-se à classe operária, aos democratas, às organizações populares, aos povos de todo o mundo para denunciarem os seguintes factos:

A 10 de Abril de 1976, o companheiro Edgardo Henriquez, membro da Comissão Política do nosso Partido e dirigente da Resistência Chilena foi detido, em Buenos Aires, por forças de segurança argentinas do Governo presidido pelo general Videla.

A 17 de Abril, o companheiro Edgardo Henriquez foi visto em Buenos Aires, num local das forças de segurança argentinas, bem como a companheira Regina Marcondes, detida junta-

mente com ele.

Acabamos de saber, de fontes dignas de fé, em Santiago, que a 27 de Abril nosso companheiro Edgardo Henriquez tinha sido entregado a Pinochet, às mãos da DINA, a Gestapo chilena. Estaria num centro de torturas da DINA na localidade de Monte Maravilha, a cem quilómetros de Santiago.

O Ministro argentino de Relações Estrangeiras tinha-se comprometido perante as organizações internacionais de defesa dos presos e refugiados a não entregar Edgardo Henriquez à Junta Militar chilena.

Se a violação deste compromisso se confirmasse, as mentiras do Governo argentino e sua completa

submissão às exigências de Pinochet confirmariam até que ponto as forças repressivas do Cone Sul da América Latina estão dispostas a tudo para eliminar o que resistem à ditadura.

A opinião pública internacional não deixará Edgardo Henriquez sob a tortura chilena sem reagir.

O MIR apela a todos os democratas, às instituições dos direitos humanos, aos dirigentes políticos e aos trabalhadores do mundo inteiro para intervir energeticamente ante o Governo argentino exigindo directamente ao seu presidente, o general Videla, ao seu ministro do Interior, o general Albano Harqueguay, seu ministro de Relações Estrangeiras, o contra-almirante César Guzzetti, e aos

embaixadores da Argentina em todos os países que prestem contas da sorte de Edgardo Henriquez.

A opinião internacional considera os governos argentino e chileno como responsáveis pela sua vida.

— NÃO AO NOVO CRIME DOS GORILAS LATINO-AMERICANOS!

— REDOBREMOS A CAMPANHA PARA SALVAR A VIDA DO CAMARADA EDGARDO HENRIQUEZ!

COMITÉ EXTERIOR
Movimento de Izquierda Revolucionária

Paris, 14 de Maio de 1976

EM MEMÓRIA DO Pe. HENRIQUE

Realizou-se no último dia 3 de Junho, às 21.30 na Aula Magna da Reitoria da U. L., uma sessão em memória do **padre Henrique**, auxiliar de D. Helder Câmara assassinado no Brasil em 27/5/69.

Muito conhecido e admirado nos meios e nas lutas estudantis do Recife, o capelão António Henrique Pereira Neto, no dia 28 de Março de 1969 celebrou uma missa em memória do estudante Edson Luis Lima Souto, abatido a tiro um ano antes pela policia assassina, quando da repressão sobre o movimento estudantil que então se desenvolvia contra a ditadura gorila-fascista brasileira.

Como lembramos os camaradas do Comité Pró Amnistia Geral no Brasil:

«Desde então, o padre Henrique passou a ser odiado e perseguido pelos esbirros da Ditadura, re-

cebendo insistentes ameaças de morte,

Alguns dias depois, na manhã do dia 27 de Maio de 1969, com marcas de sevizias que chegaram, inclusivamente, à castração, foi encontrado, num terreno baldio da Cidade Universitária, o corpo do Padre Henrique.

A lembrança do padre Henrique é a lembrança de todos os nossos mártires. Ele morreu porque quis ser um homem do povo. A sua memória é odiada pela reacção, pois simboliza, antes de mais ano antes pela policia assassina, a amplitude das forças que se opõem à Ditadura.

O dia 27 de Maio lembra a luta de uma Igreja que começa a fazer corpo com o povo».

Todo o apoio ao Comité Pró Amnistia Geral no Brasil

Viva a solidariedade antifascista com a luta do povo brasileiro!

AÇORES

Temos de eleger deputados regionais que defendam a unidade nacional, e não admitam manobras nas costas do povo



O M. E. S. apresenta candidaturas apenas num Circulo Eleitoral — o da ilha Terceira. Porque? Porque, se tivermos em conta as condições políticas que vigoraram nos últimos meses no nosso Arquipélago, facilmente concluiremos que a atribuição de um Circulo Eleitoral por cada ilha, veio apenas favorecer os Partidos que sempre gozaram da maior margem de actuação nos Açores e que dispõem de grande disponibilidade financeira, os Partidos de direita. Depois destes meses, durante os quais os nossos militantes foram perseguidos e as nossas sedes saqueadas, e acontecendo que em algumas ilhas (caso de S. Miguel, por ex.) os nossos militantes ainda não podem aparecer totalmente à luz do dia sob pena de sofrerem represálias dos fascistas que em total liberdade actuam nestas ilhas, o M.E.S. considerou que apenas na Ilha Terceira estavam reunidas as condições para a apresentação de candidatos seus, ou de independentes que sem pertencerem ao nosso partido, quisessem participar nas nossas listas.

Com estas eleições, as da Autonomia, os Partidos da burguesia têm como objectivo dividir os trabalhadores açorianos dos continentais.

E mais: os grandes senhores dos Açores querem dividir o próprio povo açoriano entre si, cavando fossos entre cada ilha e entre cada distrito.

Portanto, camaradas, nos Açores há muito para unir!

Seria então o M.E.S. contra estas eleições e contra a Autonomia?

Ao leres estas linhas dirás que sim. E é quase verdade!

Estas eleições são burguesas, o teu patrão, o in-

termediário, o grande proprietário, que te exploram toda a vida podem ir votar livremente. Esse, o que te explora, ou um seu representante irá para a Assembleia Regional fazer leis que não te servem. Eles, que bateram palmas a Salazar e Caetano, e que, portanto, aplaudiram a partida dos seus filhos para a guerra colonial enquanto os seus iam para as secretarias polderão «livremente ser eleitos»!

O M.E.S. é contra a Autonomia que permitirá aos capitalistas continuar a explorar. E dessa autonomia já estamos todos fartos. Não queremos a Autonomia que permite à Junta Regional dizer aos trabalhadores que têm coisas mais importantes do que os problemas do povo para tratar.

Somos por uma autonomia que dê possibilidades ao povo trabalhador de se organizar em organizações representativas, em Comissões de Trabalhadores, de Moradores, de Freguesia, de Quartel, etc., organizações que sirvam para resolver problemas como habitação, estradas, higiene, electrificação, etc., exigindo o apoio das autoridades financeiro e técnico sempre que tal seja necessário.

E absolutamnte indispensável que todo o povo dos Açores tenha consciência do perigo que existirá se a Assembleia Regional tiver maioria reaccionária e aprovar teses que sejam contrárias à unidade nacional.

O Povo açoriano necessita portanto de ter representantes seus na próxima Assembleia. Deputados que garantam e se comprometam a trazer para fora da Assembleia, a trazer para os olhos de todo o povo tudo o que lá se passar.

Deputados regionais que sejam intransigentes defensores da unidade nacional

e que não admitam manobras nas costas do povo.

Em resumo, o M.E.S. defende uma autonomia que nos leve ao Socialismo e ao Poder Popular.

Somos pela autonomia com o poder de quem trabalha! contra o Fascismo, contra o separatismo, pelo Socialismo!

Aqui vão os nomes e as profissões dos candidatos pelo circulo eleitoral da ilha Terceira que garantem a defesa intransigente destes pontos:

Francisco Eugénio Ferreira Corvelo, torneiro mecânico; Francisco Sabino, desenhador, independente; António da Ponte Morais, operário fabril; José da Silva Brasil, pescador; Rosa Maria Pimental Freitas, estudante; José Gaspar Rosa, escrivão; José Eduardo Pimentel, pescador; José Henrique Correia, empregado do comércio; Suplentes: João Leonel Maranhão, de sempregado e Maria do Conceição Vieira, doméstica.

O 6 de Junho

O 6 de Junho de 1975 marcou o arranque em força da ofensiva separatista que varreu as nossas ilhas no Verão passado.

Nesse dia, a F.L.A., os grandes capitalistas e latifundiários da ilha de S. Miguel conseguiram arrastar, enganados, algumas dezenas de trabalhadores rurais e pequenos proprietários, cujos problemas e necessidades só poderão ser resolvidos quando se libertarem do jugo dos que os exploram — precisamente os senhores da F.L.A.

Isto só foi possível devido a alguns dos problemas mais candentes da pequena lavoura se terem vindo a agravar ao longo dos meses do processo revolucionário aberto com o 25 de Abril, exactamente por causa da sabotagem dos que nesta manifestação se apresentaram como seus salvadores.

Mas neste momento já o povo começou a abrir mais os olhos, a tal ponto que o CDS e o PPD começaram a querer arrear a canga separatista.

RECTIFICAÇÃO

Camaradas: No n.º 42, 26/1 de Junho de 1976, do «Poder Popular», no artigo intitulado **Madeira — Cobor, quem dá uma ajuda?**, há uma rectificação a fazer. Onde se diz que as bordadeiras não controlam a saída dos produtos e estão à mercê do dr. Fernando Pais, isso não é totalmente correcto, por dar uma ideia diferente da intenção com que foi escrito.

Apercebemo-nos que algo corre mal no circuito da distribuição do produto e

isso, entre outras coisas, por as bordadeiras não controlarem toda a saída do produto, mas isso não quer dizer que o dr. Fernando Pais se sirva dessa situação para fins particulares, como a referida notícia poderá induzir o leitor a interpretar.

Aqui fica a rectificação, e do facto pedimos desculpa à pessoa em causa, às trabalhadoras e ao «Poder Popular».

O Núcleo do MES do Funchal

CAMPANHA DE FUNDOS PARA O "PODER POPULAR"

Continuamos hoje a publicar o produto da campanha de fundos em curso para o «Poder Popular». Precisamos do teu apoio. Contribui!

LISBOA (Benfica)
António Castanheira,

100\$00; Vitor Garrido, 100\$00; Carlos Piedade, 50\$00; Maria Duarte, 50\$00; José Novo, 50\$00; Maria de Almeida, 20\$00; Maria M. Lourenço, 20\$00; Carlos Teixeira, 50\$00.

LISBOA (Oeiras)

João Martins, 5\$00; Trindade, 10\$00; Morais, 10\$00; Mourão, 5\$00; Mota, 5\$00; Helder, 10\$00; Pedrosa, 5\$00; Judite, 10\$00; Portela, 10\$00; Silva, 10\$00; Valério, 10\$00; França, 10\$00; Lourenço, 10\$00; Lucília Mendes, 20\$00; Nazaré Mendes, 20\$00; José Justino, 20\$00; Maria G. Justino, 20\$00; Artur Pena Martins, 20\$00; Ana Martins, 20\$00; António Matos, 20\$00; Aurora Rica, 20\$00; Orlanda Cabrinha, 20\$00; C. 50\$00; Freire, 20\$00; Duarte, 20\$00; Luis, 20\$00; Rosa, 50\$00; Alves Fernandes, 50\$00; Miranda, 50\$00; A. G. 50\$00; Joaquim Santos, 50\$00; João C. 50\$00; J. Braga, 50\$00; J. Lisboa, 30\$00; Maria T. Lisboa, 30\$00; V.M. 20\$00; Maria F. Gonçalves, 20\$00; Manuel Cruz, 50\$00; José David, 20\$00; João, 20\$00; José Fernando, 20\$00; Renato, 20\$00; João Luis, 20\$00; Pedro, 50\$00; P. 40\$00; Calado, 10\$00; Illegível, 50\$00; Anónimo, 10\$00; João Francisco, 20\$00; Luis, 20\$00; Anónimo, 10\$00; Anónimo, 10\$00; Anónimo, 10\$00; Illegível, 20\$00; Nunes, 10\$00; Anónimo, 20\$00; Anónimo, 20\$00; Illegível, 20\$00; José Gaspar, 12\$00; Helena, 20\$00;

Carlos Maneuj, 36\$00; Fernando Mário Barbosa, 20\$00; Hortense Almeida, 10\$00; Joaquim, 20\$00; Amaruense, 20\$00; Anabela, 7\$50; Maria Adelaide, 10\$00; Olegivel, 10\$00; Bagulho, 20\$00; Jaime, 10\$00; Maria Peixoto, 50\$00; Teresa, 50\$00; L. 50\$00; Anónimo, 30\$00; Gonçalves, 20\$00; Velloso, 20\$00; P. 20\$00; Carlos Pedreira, 10\$00; Manuel Alves, 20\$00; Lemos, 10\$00; João, 20\$00; T. Rodrigues, 20\$00; Diamantino, 20\$00; Madalena, 20\$00; Augusta, 20\$00; Luis, 10\$00; Anónimo, 10\$00; Timóteo, 20\$00; Vitor Lopes, 20\$00; Fernando Leal, 20\$00.

PORTALEGRE

Dinis, 7\$50; João José, 2\$50; Illegível, 2\$50; Maria de Lourdes, 2\$50; Illegível, 1\$00; Isabel Maria, 2\$50; Maria Amélia, 5\$50; Maria Antónia, 5\$00; Maria Isabel, 5\$00; J.C. 5\$00; Anónimo, 5\$00; Manuel, 10\$00; Anónimo, 7\$50; Joaquim Pereira, 30\$00; Vitor Caldeira, 20\$00; P. 2\$50; Manuel Tavares, 7\$00; Isidro, 2\$50; Anónimo, 100\$00; Anónimo, 10\$00; Avante com o Poder Popular, 120\$00.

S JOÃO DA MADEIRA

Grupo de trabalhadores de

S. João da Madeira — com o MES pelo Poder Popular 4.496\$00.

LISBOA

Luis, 20\$00; Maria Eduarda, 50\$00; Maria de Lourdes, 20\$00; C. 100\$00; Humberto, 50\$00; H. 20\$00; Fernando, 20\$00; Rogério, 50\$00; Luis, 50\$00; Manuel, 20\$00; Júlio, 25\$00; Amarante, 20\$00; Daniel, 20\$00. Maria da Conceição, 20\$00; Maria José Ganhão, 20\$00; Ilda Cruz, 20\$00; Ilda Silveira, 20\$00; Melo, 10\$00; Cândida, 20\$00; Senhorinha, 20\$00; Fernanda, 20\$00; Maria Francisca, 20\$00; Maria Manuela, 20\$00; Maria Helena, 20\$00; Alda Ferreira, 20\$00; Anónimo, 20\$00; Idalina, 20\$00; C. 20\$00; Viva o Poder Popular, 50\$00; J. M., 20\$00; Virgínia, 20\$00; Maria, 20\$00; Teresa, 20\$00; A. Ferreira, 20\$00; S. Anjos, 20\$00; Fátima, 20\$00.

SETUBAL

Carlos Correia, 50\$00; Tavares, 5\$50; Mateus, 20\$00; Um trabalhador da Setenave, 10\$00; Carlos Manuel, 20\$00; Raul, 20\$00; Peres, 20\$00; Anónimo, 16\$50; Anónimo, 20\$00; Anónimo, 10\$00; Cami-

lo, 10\$00; Uma camarada UDP, 50\$00; Rui Dinis, 20\$00; António M. Conceição, 20\$00; António M. Deitado, 10\$00; Manuel José, 20\$00; Illegível, 10\$00; Anónimo, 40\$00; Moito, 10\$00; Mendes, 20\$00; P., 10\$00; Um trabalhador da Setenave, 20\$00; Carlos mais Anival Jorge, 15\$00; Pina mais Serundin, 3\$50; Tito, 20\$00; V. cente, 5\$00; Almeida mais Filomeno, 10\$00; Júlio, 5\$00; Vasco, 2\$50; Ló mais Domingos, 10\$50; Zeca, 7\$00; Rui mais Herminio, 15\$00; Rui Canico mais Lilla, 14\$00; Rui mais Cardoso, 10\$00; Joca, 2\$50; Jéia mais Fernando, 5\$00; Jorge Luz, 2\$50; Paula mais Lena, 5\$00; T., 2\$50; A., 5\$00; Illegível, 5\$00; Pardal, 5\$00; Tónio, 20\$00; Anónimo, 20\$00; Estela Correia, 20\$00; Francisco Queirós, 5\$00; Illegível, 20\$00; Illegível, 10\$00; Illegível, 10\$00; C., 4\$50; M., 20\$00; Francisco, 20\$00; São, 5\$00; Luis Correia, 100\$00; Magui, 5\$00; José Santarém, 5\$00; Illegível, 10\$00; Barroso, 2\$50; Deolinda, 5\$00; Aida, 5\$00; Lucília, 10\$00; Odete, 5\$00; Batista, 5\$00; Manuel, 20\$00; Maria, Manuela, 20\$00; Maria F. Santos, 20\$00; António Joaquim, 5\$00; Maria, 5\$00; C., 50\$00; Rui Moura, 50\$00; Alfredo da Silva, 20\$00; Eu, 20\$00; Casanova, 10\$00; A., 20\$00; Lourenço, 50\$00.

Atransportar, 13.404\$30.

ASSINATURA

Poder Popular

6 meses 100\$00 12 meses 200\$00
apoio 400\$00
estrangeiro Europa 500\$00

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Profissão _____

JORNAL SEMANAL _____ todas as 4.ªs-feiras

Propriedade do Movimento de Esquerda Socialista

Administração - Redacção Av. D. Carlos I., 132, Lisboa telefone 66 26 29
Composição e impressão Renascença Gráfica SARI Rua Luz Soriano, 44 - Lisboa

MANUEL DINIS O desemprego e a miséria não passarão!

Nos sectores mais em crise é onde o patronato faz mais manobras, intimida e despede. Os textos e vestuário, são um sector mais em crise porque é aí que existem mais disparidades na organização da produção e na comercialização, mais anarquia instalada pela grande exploração a que os patrões querem submeter os trabalhadores, porque é aí que o capital estrangeiro tem muitas fábricas e querem que a crise do capitalismo europeu seja paga pelos trabalhadores de toda a Europa e também de Portugal.

Os patrões deste sector actuam como numa orquestra e tocam vários instrumentos, consoante os casos (TMG e Coronado, Rol-sol, DAN e Hellman, confecções MS, Mirrado, etc), mas a música é sempre a mesma: a recuperação capitalista, o regresso às fábricas dos patrões «emigrados», os despedimentos e encerramentos, as baixas de salários a superexploração justificada pela «cri-

se».

A Manuel Diniz tem 364 trabalhadores, situa-se em Sacavém, e os patrões querem paralisar, recusam-se a investir, a empresa não paga já os salários, cancela a compra de matéria-prima.

Não são os trabalhadores os responsáveis pela crise do próprio capitalismo, pois os trabalhadores sempre produziram a riqueza para as mãos do patronato e toda a sua vida tem sido essa, juntamente com a sua luta. Os responsáveis pela crise são os próprios capitalistas que vivem da ganância e dos lucros. Os trabalhadores mais não têm feito do que lutarem contra a exploração de que são vítimas, agravada agora pela ameaça do desemprego. A burguesia não está satisfeita com a recuperação que tem vindo a fazer desde o 25 de Novembro e quer «recuperar» ainda mais. E por isso ataca os pontos mais fracos, ou seja os sectores que ele quer reverter à custa do desemprego, das reduções de

laboração, do corte de salários.

Os trabalhadores da Manuel Diniz não estão dispostos a ficar no desemprego e não permitiram o encerramento da fábrica. A mercadoria da Manuel Diniz também faz falta para o povo português e a outras fábricas dependentes, e só não faz falta agora aos patrões porque devem ter em mira um negócio mais chorado.

O governo não pode «fechar os olhos» e continuar a empatar as diligências da Comissão Sindical, mandando-a de Ministério para Ministério. O governo tem de impedir o encerramento, obrigando ao investimento ou expropriando a fábrica, colocando-a sobre intervenção estatal.

Em Abril pagaram-se já parte dos salários. Em Maio, os patrões não pagaram. Os trabalhadores não podem ficar nesta situação e precisam de receber e de trabalhar.

Só a unidade e a determinação dos trabalhadores



poderão vencer esta luta. O Ministério e o Governo não actuam senão quando a luta dos trabalhadores se transforma numa grande força.

O Sindicato está com a luta da Manuel Diniz. Todas as outras fábricas da região estarão com a Manuel Diniz. Porque a luta dos trabalhadores é só uma, e a mesma!

LUTA OPERÁRIA

CORONADO Pelo direito ao trabalho

O Ministério de o Trabalho já fez o inquérito sobre a irregularidade da suspensão das trabalhadoras, e até agora nada fez.

Mas a verdade está à vista: as 37 trabalhadoras continuam ilegalmente suspensas, o patrão/PPD continua a manobrar e a GNR intimida.

As trabalhadoras suspensas ao lutarem, primeiro pela defesa da sua delegada sindical, lutaram também pela defesa de todas as trabalhadoras da fábrica.

Porque se hoje são estas 37 trabalhadoras a serem suspensas e se hoje mesmo as mulheres grávidas de seis meses são proibidas de ir à casa de banho durante o trabalho, amanhã a exploração do patrão vai galgar os degraus que a luta dos trabalhadores portugueses tem construído. Hoje os patrões ainda temem a força organizada dos trabalhadores. Se o patrão conseguiu dividir os trabalhadores, hoje na CORONADO, ontem na Manuel Gonçalves, todos os trabalhadores portugueses ficarão qualquer dia sujeitos às políticas dos patrões e à repressão dos polícias.

Se é verdade que o próprio Ministério do Trabalho já declarou ilegal a suspensão; se é verdade que o Inquérito feito posteriormente já está nas mãos do Governo há semanas e é favorável às trabalhadoras suspensas; se é verdade que o Sindicato dos Vestuários do Porto muitas vezes denunciou o «triste» exemplo de traição, incompetência e demissão das responsabilidades do Ministério do Trabalho, porque se espera para que a justiça seja feita?

Será que o Ministério do Trabalho não tem «tempo» para despachar o assunto, que é o pão de 37 mulheres? Ou também quer estar do lado daqueles que esperam vergar os trabalhadores pela fome, pelo cansaço e pelo desespero?

A GNR intimida as 37 trabalhadoras. Chama-as para interrogatórios, a elas e às famílias. Quando, como no caso das Confeccções Aurora, a lei manda chamar o patrão ao Ministério, o tenente Moriz não se mexe. Mas para perseguir as 37 está sempre pronto!

Redobram as tentativas de aliciamento e de chantagem sobre as 37 trabalhadoras: são as «insinuações» de que devem pedir desculpa ao patrão; é o boicote aos pagamentos de baixa na Caixa.

Mas ao mesmo tempo, os exploradores começam a ter medo. A ter medo que as trabalhadoras «de dentro» se unam às 37 e compreendam a injustiça que está a ser feita. Têm medo que o povo da Vila de São Romão se comece a revoltar contra o «capricho» do patrão que está a roubar a 37 mulheres e a prejudicar a própria laboração da fábrica. No seio dos reaccionários, no meio dos caciques da terra já há duas opiniões. As brechas na reacção, a unidade nas 37.

A justiça na Coronado há-de ser feita!
As trabalhadoras unidas vencerão!

PRIESS

A Europa está contra os trabalhadores!

Nas fábricas de capital estrangeiro, os trabalhadores são mais explorados e têm menos capacidade de se defenderem da ganância dos patrões imperialistas. Na Priess, o patrão que é alemão decide encerrar a fábrica em Portugal. Porque?

Havendo uma crise do sector têxtil na Europa, crise que não é só do sector têxtil e vestuário mas de todo o capitalismo, o escoamento das mercadorias confeccionadas que se destinam quase todas ao mercado estrangeiro, torna-se mais difícil.

Nessa situação os patrões estrangeiros que exploram fábricas em muitos países e não se importam muito de fechar uma ou ou-

tra, têm sempre a faca e o queijo na mão para encerrar ou diminuir a actividade quando os Governos desses países não apoiam os trabalhadores. É o que se passa na Priess, em que o patrão alemão (juntamente com o Banco de Apoio aos países subdesenvolvidos) fez chantagem com o trabalho de cerca de 100 trabalhadores: exige que os trabalhadores recebam menos (4.600\$00 para 4.000\$00), que trabalhem só dois dias, alegando que a empresa está em dificuldades.

Ora as dificuldades nem deverão ser assim muitas, posto que a produção do ano de 74 para 75 aumentou 53 por cento!!

Mas os patrões imperia-

listas têm mais um trunfo na manga e o Governo finge que não percebe: diz o patrão da Priess que a fábrica não dá lucro! Então se não dá lucro porque é que estão cá tantos estrangeiros no negócio de exploração dos trabalhadores do vestuário, da electrónica, etc? O que se passa é que o patrão da Priess, como todos os outros, factura a produção a um preço baixo para fugir aos impostos e para pagar pouco aos trabalhadores, e depois no país da empresa mãe vende a um preço muito elevado, mas ficando os lucros na Alemanha!!!

É assim que a luta dos trabalhadores ainda é mais difícil contra os imperialis-

ROBINSON

Se ficamos quietos...

Foi proibida na nossa fábrica a distribuição de propaganda política.

Não sei se os camaradas estão dispostos a pensar bem no que isso significa para nós, para a vida dos trabalhadores. Dizemos isto porque durante muito, muito tempo, fomos levados a pensar e a agir contra nós próprios.

Ora vejamos. Que razões teriam levado a administração a proibir a «política» dentro da fábrica?

Eles, os patrões, sabem perfeitamente que não conseguem deffrontar os operários na discussão dos conflitos de trabalho, porque à partida eles são os exploradores e nós os ex-

plorados. Por isso não querem conversa... não querem política.

E aqui é que está o gato, camaradas!

E que se nos deixarmos estar calados e quietos fazemos a política deles, fazemos a política da burguesia, e nós, camaradas, não podemos fazer a política da classe que nos exolira.

A última vez que houve problemas com os patrões foi por causa da recolha de assinaturas de apoio ao General Otelo. Nós perguntamos:

— Se a informação está controlada pela classe de que eles fazem parte.

— Se eles não têm necessidade de recolher assinaturas e fundos de apoio

ao seu candidato, porque dispõem de todos os meios técnicos e financeiros, como podemos nós, trabalhadores, apoiar o nosso candidato?

Nas fábricas, nos campos, nas escolas, nos bairros, nas ruas, apoiemos o candidato que nos poderá unir contra o fascismo e contra o capitalismo, independentemente da nossa filiação partidária!

VIVA A DEMOCRACIA OPERÁRIA!
VIVA O CANDIDATO DO POVO!

Célula do MES da
ROBINSON

Camaradas soldados e marinheiros, oficiais e sargentos antifascistas e democratas

Já várias vezes temos referido as tentativas que a direita reaccionária tem feito ultimamente para voltar a controlar os nossos actos e até os nossos cérebros. Como sabem que o não conseguem facilmente, usam a repressão.

Veja-se o que se passa em algumas Unidades Militares especialmente da Região Militar Norte e em algumas da Região Militar de Lisboa.

Que raio de disciplina apregoam esses oficiais ditos «apartidários», que à luz do R.D.M. dos «bons velhos tempos» do fascismo, lhes permite encarcerar camaradas nossos, soldados e marinheiros, por alegadas actividades políticas sem sequer nos ouvirem?

Que raio de ideia têm estes senhores que estão novamente à frente de muitos quartéis, que proibem a discussão política entre os soldados, que impedem que os soldados participem da vida das populações, que baniram as estruturas democráticas das Unidades, que reintroduziram a separação entre as salas e bares para oficiais, para sargentos e para praças?

Que raio de defensores da democracia são estes que enquanto proibem os soldados e marinheiros de se reunirem para discutirem os seus problemas entre si, e de discutirem os problemas dos trabalhadores, se reúnem, eles, para discutir questões políticas?

Se os oficiais e sargentos o podem fazer, porque é que os praças não o podem fazer também?

Assim já percebemos melhor porque é que tem sido frequente em algumas Unidades aparecer propaganda do E.L.P. e M.D.L.P. E até percebemos porque é que em altas esferas estas organizações terroristas que não visam mais do que o regresso ao fascismo, se movimentam tão bem, conseguindo cobertura para as suas actividades e recrutando até elementos seus em altos sectores da política. Quem já ouviu falar em prisões de E.L.P.'s. e M.D.L.P.'s. depois do 25 de Novembro? No entanto prenderam ou foram afastados centenas de militares democratas.

Os soldados e marinheiros, os operários das

fábricas e oficinas, os assalariados dos campos dos escritórios e das repartições públicas, os camponeses todos, mas todos têm que saber isto!

ENANES JÁ DEU SOBEJAS PROVAS DE SERVIR A DIREITA

Têm que o saber para verem claramente em qual candidato vão votar, se num candidato que, enquanto chefe de Estado-Maior do Exército já deu sobejas provas de servir a direita, impondo uma importante derrota ao movimento popular em 25 de Novembro, se num candidato cujo programa abre perspectivas para o movimento popular derrotar a direita.

Este só pode ser o antigo Comandante do «COPCON».

Ou não será a palavra «COPCON» aquela que ainda hoje mais faz assanhar às fúrias da burguesia reaccionária e do imperialismo? E não é esta mesma palavra COPCON aquela que ainda está na nossa lembrança de soldados quando havia A.D.U.'s., plenários de Unidades, salas comuns etc.?



Antes do 25 de Novembro, soldados e povo lutavam juntos, para construir o socialismo!

CAMARADAS SOLDADOS E MARINHEIROS!

Se Ramalho Eanes ganhar, isso vai ser extremamente útil à burguesia. Ela tentará tudo por tudo para que Ramalho Eanes seja o polo aglutinador e unificador das suas forças neste momento ainda minadas por contradições internas e divididas.

Se Ramalho Eanes ganhar, a burguesia vai tentar garantir aquilo que não conseguiu nas eleições para a Assembleia da República. Isto é, visto que o cargo de Presidente da República é extremamente poderoso, segundo a actual Constituição, e esta é muito ambígua

(tanto pode ser interpretada por forma progressista como pode favorecer a direita e a repressão e recuperação capitalista) a burguesia vai tentar fazer do Ramalho Eanes a sua ponta de lança impondo a sua ordem onde os trabalhadores exigirem maiores salários e queiram manter o emprego, onde os estudantes se opuserem ao controlo das escolas e Universidades pelos antigos fascistas, onde os assalariados rurais se opuserem à recuperação e destruição do que conseguirem com a Reforma Agrária.

Mas sobretudo Ramalho Eanes é o homem que vai por ordem nos quartéis, vai disciplinar os capitães e sargentos democratas (que a direita chama indisciplinados) e os soldados e marinheiros que reivindicam as liberdades democráticas.

Por isso a burguesia vai votar nele.

Ramalho Eanes é o homem da Reestruturação das Forças Armadas, o tal do Exército de Mercenários Profissionais. E é o homem da Brigada NATO, através da qual se vai aumentar a dependência de Portugal face ao Imperialismo.

Por isso a burguesia vota em Ramalho Eanes, à falta de um mais risinho e bem disposto!

Por isso os soldados e marinheiros, os operários e camponeses, os assalariados dos campos e das cidades, todos os antifascistas e democratas votam no Programa de Unidade Popular que é o programa do povo trabalhador, votam em Otelo Saraiva de Carvalho, porque é ele que defende o Programa de Unidade Popular.

Temos pois, camara-

das soldados e marinheiros, sargentos e oficiais progressistas e democratas, que engrasam as fileiras do Movimento de Massas. Esta é a única forma de estarmos todos a trabalhar no mesmosenhido que é impedir que o fascismo, abertamente ou utilizando os seus cavalos de Troia, se volte a instaurar em Portugal.

Ramalho Eanes, com todos os apoios que tem, tem fortes possibilidades de ganhar as eleições e ser Presidente, mas a vitória não lhe vai ser fácil pois o movimento popular em torno da candidatura de Unidade Popular tenderá a ser cada vez mais forte e organizado. Temos, nos quartéis e navios, que utilizar este momento de discussão para nos esclarecermos e organizarmos, para nos opormos ao regresso do militarismo fascista.

As esperanças suscitadas com esta campanha não podem deixar de materializar de dar os seus frutos. E quais são estes frutos? É um movimento popular forte que impeça a recuperação capitalista da economia e o domínio dos quartéis pela direita reaccionária e fascista sem que os soldados sejam sequer atendidos.

E isso só se faz se nos organizarmos, se formos capazes de superar as nossas divisões, para além das eleições.

EM FRENTE COM AS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS NOS QUARTÉIS!

ABAIXO A REPRESSÃO, ABAIXO O MILITARISMO!
VIVA A CANDIDATURA DE UNIDADE POPULAR!

Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és...

Ramalho Eanes, o candidato que procura nas eleições presidenciais apaziguar as contradições da burguesia, foi peremptório ao afirmar que «Otelo não tem qualquer hipótese de ganhar», adiantando: «No entanto, se o povo entendesse que ele deveria ser o Presidente da República eu, pessoalmente, não acetaria e sairia deste País».

Pelo contrário, Otelo retorquiu:

«Eu considero-me um democrata. Portanto, se o povo eleger o general Ramalho Eanes para a Presidência, é evidente que eu aceito as decisões do povo. É o povo que escolhe e eu aceito essa escolha».

Assim, o «democrata» Eanes confessa não aceitar pessoalmente o «jogo democrático», se este não correr à medida dos seus desejos.

E por falar em «pessoalmente», Otelo deu ainda esta opinião quando lhe perguntaram se Eanes era ca-

paz de fazer repressão: «Eu, por ele, considero que não. Se ele vencer as eleições o sistema em que vai ficar envolvido é que pode ter que o levar a essa repressão».

E aqui é que está o busilil. Porque o que interessa não é as «boas intenções» ou a «honestidade» de quem detém o Poder. Porque se Eanes vier a ser presidente — portanto, a ter o Poder — os seus patrões serão quem o apoiou: para chegar ao Poder.

Ora Eanes declara que aceita o apoio de todos os partidos e pessoas desde que «respeitem as regras do jogo democrático» (as tais regras que ele próprio não aceita), e comenta:

«São portugueses e dão-me a impressão de que estão interessados em que este País ande incisivamente».

O ex-major, graduado em general por alturas do 25 de Novembro, tem portanto esta «impressão» acerca



Otelo — No enterro do soldado Luis, morto no ataque reaccionário ao RALIS em 11 de Março

do C. D. S. e do P. P. D., por exemplo.

Otelo, o ex-general passado a major pela mesma data tem a certeza de que «as classes trabalhadoras não têm razão nenhuma para poderem acreditar no general Eanes ou no almirante Azevedo, porque não viram da parte deles nenhu-

ma demonstração real de eles estarem ao lado das classes trabalhadoras».

Quem apoia Eanes são as forças da burguesia; quem apoia Otelo são as massas trabalhadoras. Eanes é o candidato da «unidade dos exploradores», Otelo é o candidato da unidade das massas trabalhadoras.